

O REAVIVAMENTO DO OCULTISMO NO CATOLICISMO TRADICIONALISTA

Chris Jackson, 6–15 de junho de 2025

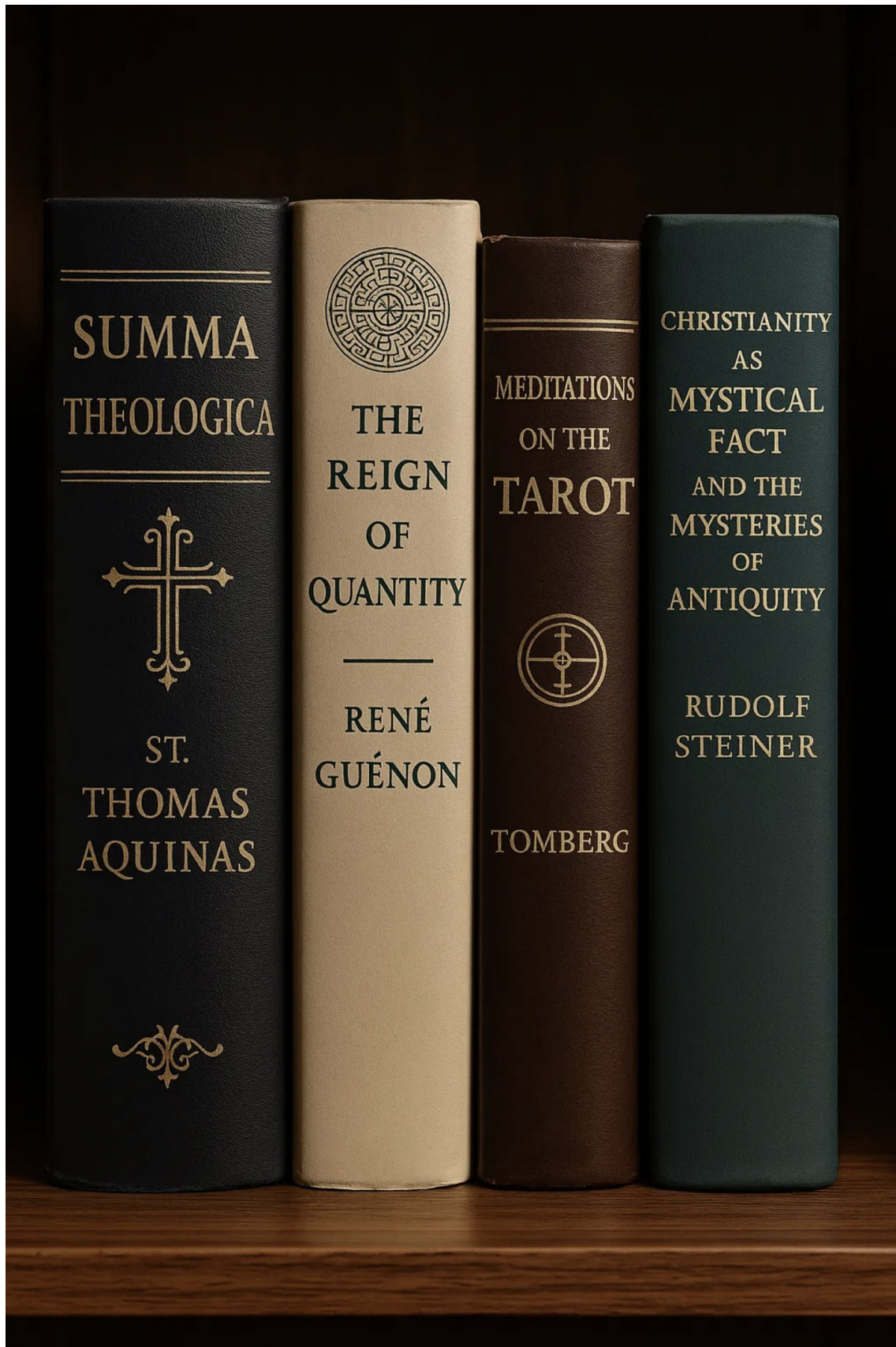
Fonte: <https://bigmodernism.substack.com/p/why-are-tarot-and-kabbalah-books>

Tradutor do texto: Elvira Mattoso.

Descrição: O artigo, estruturado em dez partes, investiga a crescente infiltração de idéias esotéricas, gnósticas e perenialistas, e de práticas ocultistas — como o tarô, a cabala, o hermetismo e a sofiologia — dentro de círculos do catolicismo tradicionalista. O texto alerta que editoras, autores e influenciadores digitais ditos ortodoxos estão promovendo esse sincretismo, mascarando-o sob uma estética de piedade tradicional. A análise fundamenta-se no reto ensinamento da doutrina católica, que condena veementemente tais práticas como incompatíveis com a fé. Conclui-se que este fenômeno representa uma infiltração espiritual perigosa, que corrompe a Tradição autêntica sob o pretexto de um “reavivamento místico”.

Aviso: Este artigo apresenta crítica teológica e comentário religioso baseados em materiais públicos, catálogos oficiais de editoras e escritos conhecidos dos autores mencionados. Não se faz aqui qualquer acusação pessoal de má conduta. Toda análise é oferecida em espírito de fidelidade ao ensinamento católico e de preocupação pastoral pela salvação das almas.

**PARTE 1: POR QUE LIVROS DE TARÔ E CABALA ESTÃO SENDO
VENDIDOS PARA “TRADS”?**



Para muitos católicos atraídos pela tradição, a editora Angelico Press apresenta-se como um refúgio acolhedor: estética reverente, títulos em latim e recomendações de figuras respeitadas como Dom Athanasius Schneider e Dr. Peter Kwasniewski. O logotipo da editora exibe um frade dominicano, um indicativo visual de ortodoxia teológica. Contudo, um exame mais atento do catálogo da Angelico revela uma corrente sombria: livros que promovem abertamente o hermetismo, a cabala, a sofiologia e outras formas de veneno espiritual condenadas pela Igreja.

Este artigo não é uma acusação contra autores individuais que colaboraram com a Angelico de boa-fé. Muitos católicos tradicionalistas, incluindo acadêmicos renomados, talvez desconheçam o que mais a editora publica. Mas os fatos falam por si: a Angelico está vendendo livros que contradizem diretamente a doutrina católica, e o faz sob o pretexto de “misticismo cristão”, “tradição sagrada” ou “realismo metafísico”.

Um catálogo com duas faces

O site principal da Angelico exibe títulos de tradicionalistas convictos: teologia manualista, críticas ao modernismo, obras sobre restauração litúrgica. Mas, na mesma vitrine, também se encontram:

- Valentin Tomberg, *Meditations on the Tarot* (“Meditações sobre o Tarô”), obra que defende a salvação universal (inclusive a de Satanás) e elogia ocultistas como Rudolf Steiner e Éliphas Lévi;
- Friedrich Weinreb, *Roots of the Bible* (“Raízes da Bíblia”), uma exploração de leituras cabalísticas e gnósticas das Escrituras;
- Michael Martin, *The Submerged Reality* (“A Realidade Submersa”), uma defesa da “sofiologia”, um sistema místico heterodoxo condenado por diversas autoridades católicas;
- Coleções de arte de cartas de tarô, promovidas por sua “profundidade espiritual” e “ressonância arquetípica”.

Essas obras não são apresentadas como erros a serem refutados, mas como espiritualmente enriquecedoras, lado a lado com Tomás de Aquino e Garrigou-Lagrange.

O que a Igreja realmente ensina

A Igreja Católica sempre condenou o ocultismo, a superstição e o falso misticismo. O cânon 1399, n.º 7 do Código de Direito Canônico de 1917 proíbe expressamente livros que promovam adivinhação, magia, espiritismo ou ocultismo. O cânon 2326 impõe penas eclesiásticas para aqueles que “incitam a superstição” ou cometem atos sacrílegos. E o cânon 1385 exige aprovação prévia das

autoridades eclesiásticas antes da publicação de livros sobre teologia, misticismo ou qualquer matéria religiosa. Essas normas refletem uma tradição teológica de longa data. Teólogos como Alois Wiesinger, em *Occult Phenomena in the Light of Theology* (“Fenômenos Ocultos à Luz da Teologia”), explicam detalhadamente como tais práticas abrem as portas à influência diabólica e à ruína espiritual.

E muito antes disso, a Regra 9 do *Index Librorum Prohibitorum* tridentino, emitida sob autoridade do Concílio de Trento em 1564, já bania explicitamente “todos os livros que tratem de magia, superstição, astrologia ou práticas ocultistas”.

É precisamente à luz desses ensinamentos que livros como *Meditations on the Tarot* devem ser julgados. O chamado “hermetismo cristão” de Tomberg distorce a fé. Seu universalismo contradiz o dogma definido do Inferno. Sua reverência pela cabala e pelo tarô mina o Evangelho. Nenhum prefácio tomista ou estética turva de incenso e canto gregoriano pode santificar o que, em sua essência, é uma rejeição da revelação divina.

Por que isso importa

Católicos atraídos pela tradição buscam verdade, beleza e ordem espiritual. Mas o caos pós-conciliar deixou muitos vulneráveis a contrafações sedutoras, sobretudo aquelas que bajulam o intelecto ou se disfarçam de latim, rendas e metafísica. Quando uma editora com selo dominicano vende veneno perenialista, os fiéis merecem ser advertidos.

Exploraremos esse fenômeno com mais profundidade na próxima parte, traçando a influência de figuras como Tomberg, René Guénon e a Escola Tradicionalista, e explicando por que suas ideias são incompatíveis com a fé católica.

PARTE 2: O TARÔ E A MESA DO SENHOR



Na Parte 1, expusemos uma tendência preocupante: editoras que comercializam obras explicitamente ocultistas ao lado de títulos católicos tradicionalistas. As mesmas casas editoriais que publicam Tomás de Aquino e o *Catecismo de Baltimore* também vendem as *Meditações sobre o Tarô*, de Valentin Tomberg, e os manifestos perenialistas de René Guénon. Mas o problema vai além da mera presença de títulos esotéricos. Nesta segunda parte, voltamo-nos às raízes teológicas desse fenômeno e às razões pelas quais as ideias da chamada Escola Tradicionalista são incompatíveis com a fé católica.

Tomberg: o teólogo do tarô

As *Meditações sobre o Tarô*, de Valentin Tomberg, são a pedra angular do renascimento ocultista travestido de catolicismo. Escrita anonimamente e publicada postumamente com prefácio de Hans Urs von Balthasar, a obra vem sendo promovida tanto por ocultistas quanto por católicos confusos, como um

recurso espiritual profundo. Mas, em verdade, trata-se de um catecismo sincrético para uma religião falsa.

Tomberg sustenta que o catolicismo representaria a expressão suprema e final de uma tradição primordial revelada em fragmentos a todas as religiões do mundo e preservada em símbolos como o tarô. Isso é o perenialismo guénoniano em sua forma mais pura: a idéia de que todas as religiões exprimem facetas de uma unidade metafísica, e que o conhecimento esotérico transcende o dogma exotericamente revelado.

Mas Tomberg vai além: afirma que o Tarô não apenas é compatível com o cristianismo, mas inspirado pelo Espírito Santo como uma contraparte mística aos Evangelhos. Ele interpreta os arcanos maiores como “cartas” arquetípicas de uma linguagem sagrada universal, equiparando a Papisa e a Imperatriz a aspectos da Santíssima Virgem, e, por fim, reformulando a devoção mariana como um caminho hermético de divinização. Alguns chamariam isso, erroneamente, de “criatividade piedosa”. Na realidade, é uma blasfêmia escrita em francês eclesiástico.

O Inferno está vazio e todos são infalíveis

Tomberg também abraça a noção herética de salvação universal, uma idéia repetidamente condenada pela Igreja, inclusive no *Catecismo do Concílio de Trento* e pelos Padres da Igreja. Mas ele a reveste com roupagens místicas, alegando que o Inferno seria um estado ilusório, e que até mesmo o demônio retornará um dia à Luz. Isso é um origenismo requentado, disfarçado de “insight” contemplativo.

Ainda mais perturbadora é sua concepção de autoridade. Tomberg subordina o Magistério àquilo que chama de “Igreja interior”, redefinindo a infalibilidade não como carisma do ofício papal, mas como atributo do indivíduo espiritualmente desperto. Nesse sistema, o dogma se torna metáfora, e o místico se torna seu próprio papa.

Guénon e as raízes da Escola Tradicionalista

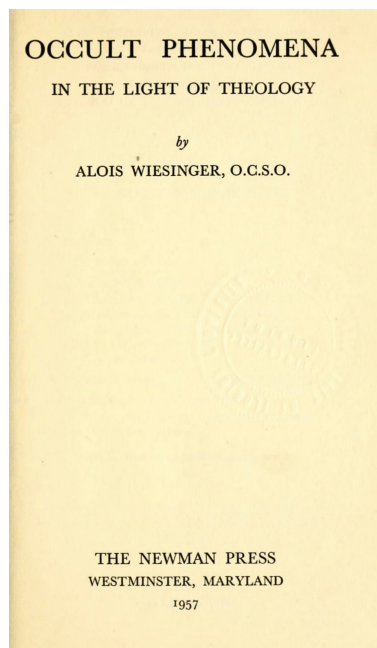
A chamada Escola Tradicionalista, que inclui figuras como René Guénon, Frithjof Schuon, Julius Evola e, posteriormente, o próprio Tomberg, surgiu em reação à modernidade, diagnosticando corretamente seu caos, mas prescrevendo erroneamente o perenialismo como cura. Guénon abandonou o catolicismo pelo sufismo e passou seus últimos anos no Cairo. Schuon, seu discípulo, criou um grupo sectário que se envolvia em ritos islâmicos, hindus e nativo-americanos.

Embora suas críticas ao liberalismo moderno se alinhem ocasionalmente aos instintos católicos, sua metafísica é venenosa. Eles negam a singularidade da

Encarnação, a necessidade dos sacramentos e a unidade visível da Igreja. Sua “tradição” não é a Tradição Apostólica, mas uma miragem neoplatônica refratada através da experiência mística e do simbolismo pagão.

O alerta de Wiesinger

Em *Fenômenos Ocultos à Luz da Teologia*, o Padre Alois Wiesinger fornece o antídoto contra esses enganos espirituais. Ele demonstra como sistemas gnósticos, como o promovido por Tomberg, disfarçam-se de graças sobrenaturais, conduzindo as almas ao orgulho intelectual e ao autoengano espiritual.



Alois Wiesinger, O.C.S.O., *Occult phenomena in the light of theology* (The Newman Press, 1957)

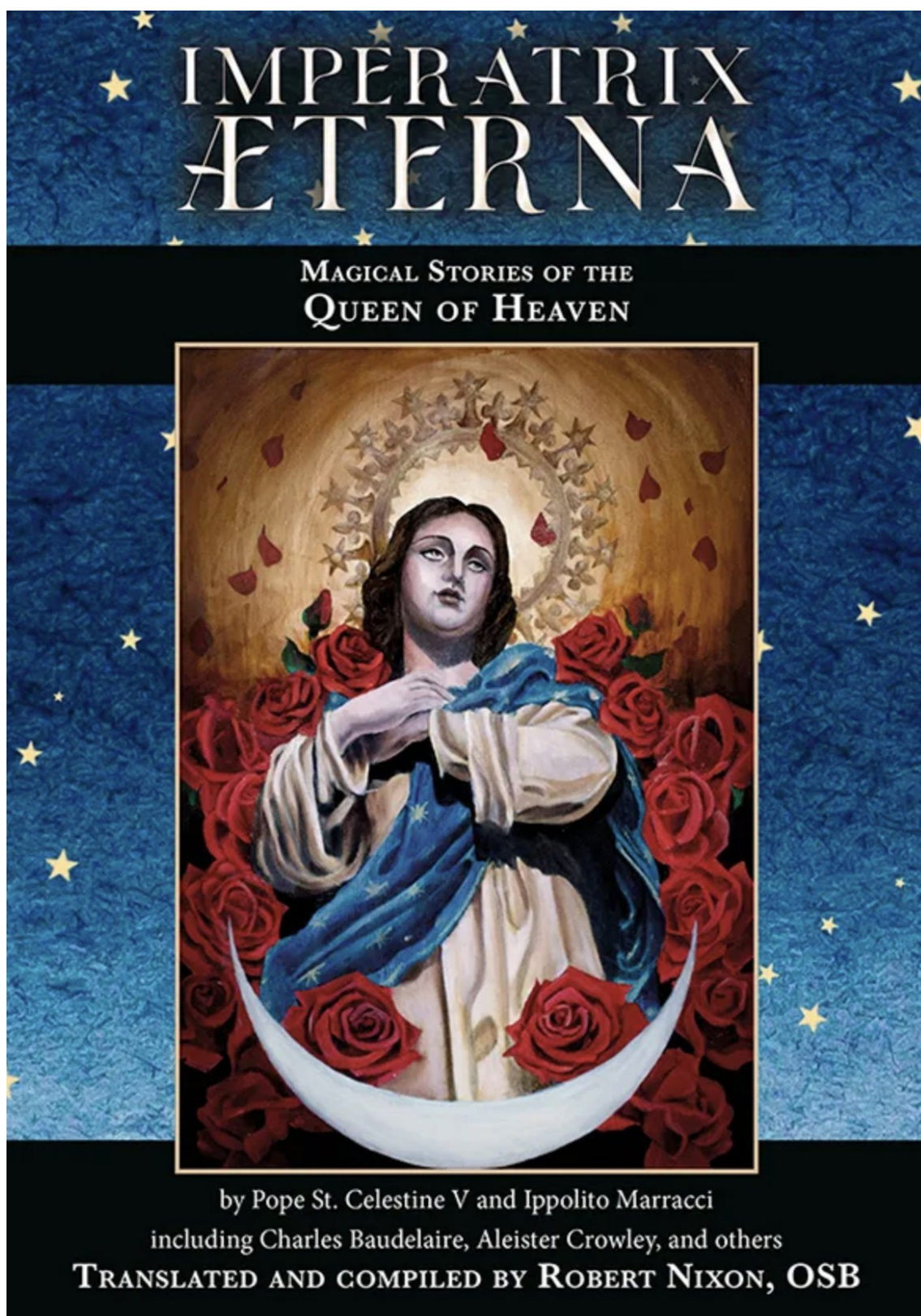
A análise de Wiesinger sobre a piedade mediúnica, a imagética mariana distorcida e os perigos do misticismo desencarnado antecipa perfeitamente o hermetismo pseudo-católico que agora está sendo popularizado nos círculos tradicionalistas.

Conclusão: Uma encruzilhada

O reavivamento do ocultismo no catolicismo tradicionalista se apresenta como uma forma mais profunda de piedade, um simbolismo mais rico, um retorno ao sagrado. Mas suas raízes não estão no Cenáculo, e sim nos cultos de mistério de Elêusis, na teurgia neoplatônica, nos baralhos de tarô dos alquimistas renascentistas e nos salões de magos cabalistas. O que ele oferece não é tradição, mas falsificação. É a tentação perene do Éden: a promessa de que a gnose nos tornará deuses.

Na próxima parte, examinaremos como essa ilusão se infiltrou na linguagem devocional e litúrgica através da obra do Padre Robert Nixon, cujo livro *Imperatrix Aeterna* apresenta poesia ocultista e contos mágicos como nova teologia mariana.

**PARTE 3: PADRE NIXON, ALEISTER CROWLEY E O NOVO
OCULTISMO CATÓLICO**



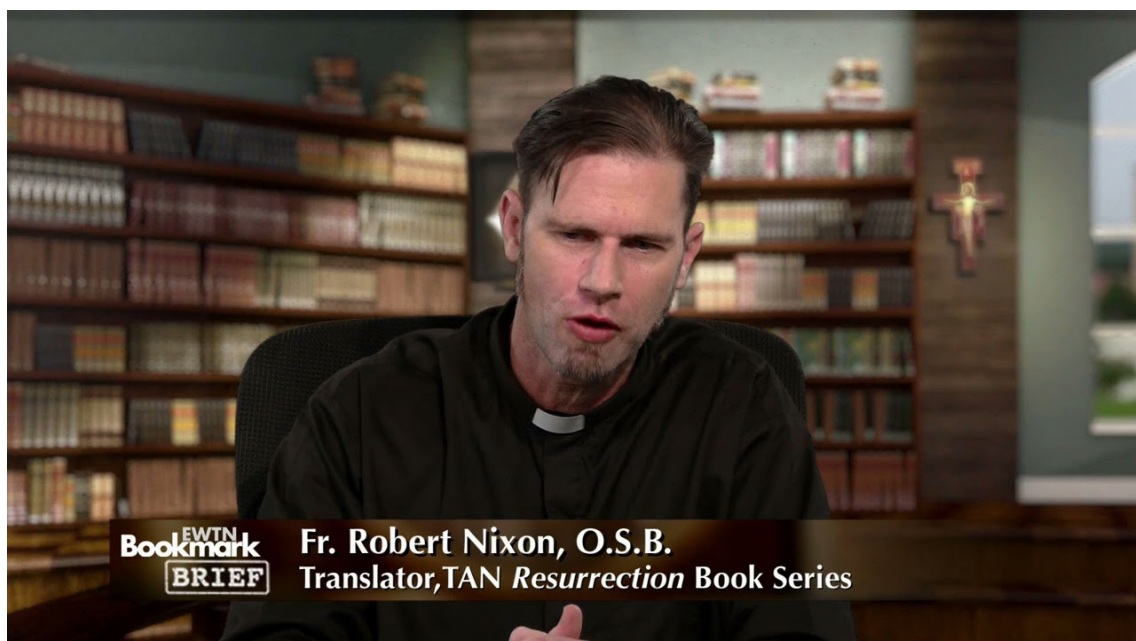
Nas Partes 1 e 2 desta série, traçamos como o esoterismo perenialista, outrora domínio de místicos, ocultistas e sincretistas, começou a infiltrar-se no discurso

católico tradicionalista. Figuras como Valentin Tomberg e os membros da Escola Tradicionalista introduziram ideias gnósticas sob a aparência de misticismo e metafísica. Mas, nesta Parte 3, enfrentamos um caso mais imediato e perturbador: o de um monge beneditino amplamente respeitado no meio editorial católico tradicional, cujas traduções e entrevistas públicas promovem uma forma de devoção mariana que deriva para a espiritualidade da deusa arquetípica.

No centro está o Padre Robert Nixon, O.S.B., tradutor tanto de textos católicos reverenciados quanto de panfletos abertamente esotéricos comercializados para praticantes de magia. Seu trabalho ilustra a facilidade com que a imagem da Virgem pode ser remodelada no molde da *Magna Mater*, e como os símbolos da Tradição podem tornar-se veículos de um espírito muito diferente.

O tradutor que abriu um portal

O Padre Robert Nixon é conhecido nos círculos católicos por suas prolíficas traduções de escritos de santos e clássicos espirituais. [Suas edições para a TAN Books](#) incluem vidas de santos, coletâneas de sabedoria mística e novas traduções de meditações devocionais. Ele já concedeu [entrevista à EWTN](#) e [palestrou na Belmont Abbey College](#). Para muitos leitores, seu nome é sinônimo de ortodoxia e reverência. Mas um exame mais atento revela uma contradição perturbadora.



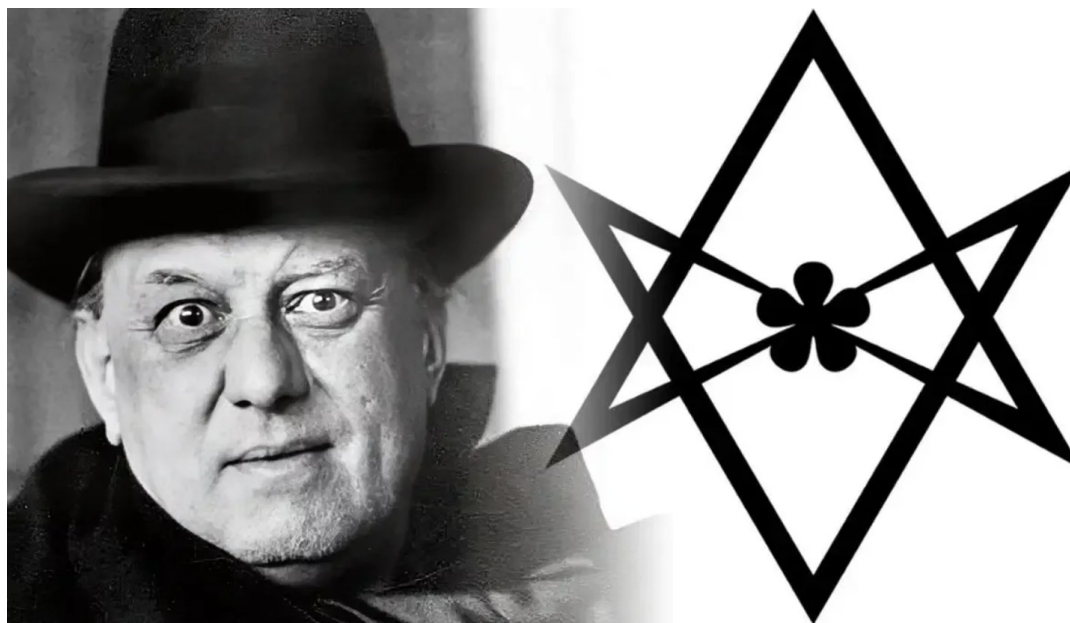
Robert Nixon, O.S.B.

Em 2023, o Padre Nixon serviu como tradutor de [Imperatrix Aeterna: Magical Stories of the Queen of Heaven](#) (“Imperatriz Eterna: Histórias Mágicas da Rainha do Céu”), volume publicado não pela TAN, mas pela [Hadean Press Limited](#), uma editora britânica especializada em textos ocultistas, magia ritual e tradições esotéricas. Longe de ser um projeto marginal, *Imperatrix Aeterna* foi

comercializado para praticantes de magia como uma antologia mariana ressonante com o arquétipo do feminino divino.

Uma das distorções mais insidiosas em torno de *Imperatrix Aeterna* é sua falsa atribuição ao Papa Celestino V. Materiais promocionais afirmam que as histórias teriam sido “escritas originalmente por Celestino V”, apresentando o livro como um tesouro medieval redescoberto de milagres marianos. Na realidade, não há qualquer evidência histórica de que Celestino V tenha redigido tais narrativas, e a atribuição parece ser uma fabricação literária destinada a revestir o livro de autoridade eclesiástica. Trata-se de uma tática comum em publicações esotéricas: misturar conteúdo fictício ou sincrético com nomes de santos ou papas obscuros para dar aparência de legitimidade católica. É precisamente essa tática que torna tais obras tão espiritualmente enganosas: tomam emprestadas as vestes da tradição para promover um evangelho completamente diferente.

Citando um satanista: Crowley numa devoção mariana



No [*Prefácio do Tradutor a Imperatrix Aeterna*](#), o Padre Nixon reformula abertamente a Virgem Maria como uma *Magna Mater*, um arquétipo feminino quase divino comparável a “Ártemis, Hera, Atena, Afrodite e até Hécate”. Ele descreve esse arquétipo como algo que “transcende todos os sistemas mitológicos particularizados”, e considera a devoção mariana de não crentes uma forma legítima de poder espiritual. Para reforçar o tom místico da antologia, ele insere interlúdios poéticos de autores como Poe, Baudelaire e Aleister Crowley. Sim, Aleister Crowley, o ícone moderno da magia ritual satânica, da autodeificação e da inversão anticristã. Crowley não é apenas um poeta controverso, ele é um dos mais notórios ocultistas da história moderna, autodenominado “A Besta 666” e autor de obras como *Magick in Theory and Practice* (“Magia em Teoria e

Prática”), que promove abertamente magia ritual, perversão sexual e paródias blasfemas da Missa. Que um monge beneditino inclua Crowley em um livro comercializado como “Histórias Mágicas da Rainha do Céu” não é descuido, é escândalo teológico.

A decisão do Padre Nixon de incluir em seu livro uma citação do poema de Crowley *From Pan to Artemis* (“De Pã a Ártemis”) é profundamente perturbadora. O poema está impregnado de invocação neopagã, misticismo erótico e rebelião esotérica contra a ordem moral cristã. Citar Crowley numa antologia devocional mariana, ainda mais num livro que alega ligações com o Papa Celestino V, não é apenas teologicamente irresponsável, é espiritualmente imprudente. Sinaliza uma fusão deliberada de visões de mundo católica e ocultista, apagando a fronteira entre a Mãe de Deus e o feminino mágico. Essa citação funciona como um portal, convidando o leitor a reinterpretar a Virgem Maria não como a Imaculada Conceição, mas como um arquétipo místico em continuidade com deusas pagãs e forças esotéricas.

A poesia perigosa dos arquétipos

Essa linguagem não é acidental. Ecoa o sincretismo hermético e junguiano de Tomberg, Guénon e na moderna “espiritualidade da deusa”. Por meio de releituras poéticas de milagres marianos, *Imperatrix Aeterna* substitui sutilmente a clareza doutrinária pela mística arquetípica. A Santíssima Virgem já não é simplesmente a Imaculada Mãe de Deus, mas um avatar entre muitos do feminino cósmico.

Isso não é misticismo autêntico. É o que o Padre Alois Wiesinger advertiu: uma espiritualidade desencarnada, que substituiu Encarnação por arquétipo, doutrina por intuição, sinal sacramental por símbolo mágico, etc. Substitui o *fiat* de Maria pela mística da *Magna Mater*.

Numa [entrevista ao Onyx Music Review](#), o Padre Nixon descreveu seu álbum *Celestial Void* (“Vazio Celestial”) como expressão do “anseio pelo transcendente”, mas logo ampliou o conceito para uma espécie de abismo místico universal: “Esse ‘vazio celestial’ é vazio porque ultrapassa todas as características, limitações e nomes”. Embora mencione Deus, a formulação é inconfundivelmente esotérica — uma transcendência informe acessível por meio do anseio humano, e não da divina revelação. Ele afirma ainda que sua música não é composta, mas canalizada, fluindo “através do universo e do coração”. Essas não são palavras de um sacramentalista católico. São o vocabulário do reavivamento ocultista: forças impessoais, feminino cósmico, fluidez espiritual, etc.

Um padrão de panfletos ocultistas

Imperatrix Aeterna não é um caso isolado. O Padre Nixon traduziu outros títulos para a Hadean Press, cada qual reforçando uma perspectiva esotérica ou ocultista sob o disfarce de interesse histórico ou piedade devocional. Entre eles:

- [*New Guide to the Underworld: The Astrological Sigils of Arnaldus de Villa Nova*](#) (“Novo Guia do Submundo: Os Símbolos Astrológicos de Arnaldus de Villa Nova”): Este tratado médico-ocultista descreve talismãs baseados no zodíaco que combinam orações cristãs com magia astrológica. Publicado pela Hadean Press em sua série “Guia para o Submundo”, a obra promove práticas outrora condenadas pela Igreja como supersticiosas e potencialmente demoníacas.
- [*The Wizard Popes of the 11th Century*](#) (“Os Papas Feiticeiros do Século XI”): Uma tradução das acusações escabrosas de necromancia e ornitomancia (augúrio) do pseudo-cardeal Beno contra vários papas medievais, incluindo santos canonizados como Gregório VII.
- [*Brantomantia: Prognostication by Thunder*](#) (“Brantomancia: Prognóstico pelo Trovão”): Um endosso da adivinhação por trovões, atribuída ao Venerável Beda. Essa forma de brantomancia eleva os presságios climáticos ao nível de percepção profética.
- [*The Magical Amulets of the Ancient Sages and Bibliotheca Necromantica*](#) (“Os Amuletos Mágicos dos Antigos Sábios e a Bibliotheca Necromantica”): Um livreto centrado em símbolos e amuletos de proteção supostamente usados por monges, sugerindo uma sobreposição entre sacramentais católicos e talismãs mágicos. Inclui tratados sobre as propriedades de pedras encantadas e uma lista abrangente de obras ocultas da biblioteca de Johannes Trithemius, mestre de Agripa e Paracelso. Este vem com seu próprio [anúncio perturbador no YouTube](#).
- [*Sternutomancy, Augury, and the Art of Reading Faces*](#) (“Esternutomancia, Augúrio e a Arte de Ler o Rosto”): Uma tradução de seleções do *Liber Physignomae* de Michael Scot, promovendo técnicas divinatórias como leitura de espirros (esternutomancia), interpretação de presságios (augúrio) e fisionomia, práticas há muito condenadas como supersticiosas ou até mesmo demoníacas pela Igreja.
- [*The Secret Pharmacopeia of Pope John XXI*](#) (“A Farmacopéia Secreta do Papa João XXI”): Traduções de um manual médico escrito por um papa supostamente praticante de artes negras, cujos remédios confundem a linha entre medicina popular e cura mágica.
- [*The Venerable Doña Sebastiana de Caso: The Original Santa Muerte*](#) (“A Venerável Dona Sebastiana de Caso: A Santa Muerte Original”): Uma tentativa perturbadora de catolicizar o culto à Santa Morte, identificando

sua origem em um místico venerado como “Abençoado”, estabelecendo conexões com um dos movimentos ocultistas de crescimento mais rápido do mundo.

- [*Saint Maria of Antioch*](#) (“Santa Maria de Antioquia”): Reforça o tema do conflito mágico e da guerra espiritual, extraídos de tradições hagiográficas, mas filtrados através da lente do dualismo místico.
- [*The Seven Principal Angels*](#) (“Os Sete Anjos Principais”): Um tratado de 1555 que inclui orações a sete anjos nomeados, quatro dos quais (Uriel, Sealtiel, Jehudiel e Barachiel) não são reconhecidos pela Igreja. Embora se alegue ter recebido aprovação eclesiástica, a prática de invocar anjos sem nome tem sido consistentemente condenada, tornando o tratado e sua republicação moderna espiritualmente suspeitos.
- [*The Astrological Sigils of Arnaldus de Villa Nova*](#) (“Os Sigilos Astrológicos de Arnaldo de Villa Nova”): Este tratado do século XVI promove a magia zodiacal por meio de sigilos gravados em metais preciosos. Apesar de sua aparência cristã, o texto é um exemplo claro de ocultismo astrológico medieval, misturando magia com teologia pseudo-médica sob o pretexto de piedade erudita.
- [*The Grimoire of Pope Pius V*](#) (“O Grimório do Papa Pio V”): Esta conjuração, falsamente atribuída ao Papa Pio V, invoca o demônio Astaroth em busca de riqueza e bens materiais. Embora provavelmente escrita por um clérigo do século XVII, ela imita a estrutura da Missa e demonstra uma fusão blasfema de ritual litúrgico e magia oculta.
- [*The Torture and Death of St. Cyprian and St. Justina*](#) (“A Tortura e Morte de São Cipriano e Santa Justina”): Um texto do século XV que retrata Justina como um espírito familiar quase místico para Cipriano. Confunde hagiografia com mitos mágicos, reforçado por um conto anexo envolvendo um antipapa roubando e presenteando suas relíquias, sugerindo uma reinterpretação esotérica da santidade e do poder espiritual.

Cada uma dessas obras aponta para a antiguidade católica, ao mesmo tempo em que introduz os leitores a modos de pensamento pré-cristãos ou não cristãos. O padrão é claro: a estética litúrgica, mariana e monástica é usada como veículo para conteúdo hermético. Cada uma reforça uma visão de mundo onde os santos se tornam adeptos da magia, relíquias se tornam talismãs e o divino se torna energia simbólica. O fio comum? O catolicismo como código esotérico.

Da TAN à Hadean: a confusão das mensagens

A confusão é amplificada pelo trabalho simultâneo do Padre Nixon para a TAN Books. Seu nome aparece em títulos como [*The Cross and Medal of Saint Benedict: A Mystical Sign of Divine Power*](#) (“A Cruz e Medalha de São Bento: Um Sinal

Místico do Poder Divino”), [*The Memoirs of Blessed Ramon Llull: The First Missionary Martyr to the Muslims*](#) (“Memórias do Beato Ramon Llull: O Primeiro Mártir Missionário para os Muçulmanos”) e [*The Life of Christ Revealed: The Visions of Blessed Veronica of Milan*](#) (“A Vida de Cristo Revelada: As Visões da Beata Verônica de Milão”). Para um leitor comum, a associação sugere segurança teológica. Mas quando o mesmo nome aparece em títulos da Hadean Press, comercializados com sinopses sobre “o arquétipo mágico da Rainha do Céu” e traduções de lendas de necromantes, o resultado é um colapso do discernimento.

Essa justaposição não é benigna. Normaliza a coexistência da devoção católica e da especulação ocultista. Convida os leitores a ver a devoção mariana através da lente de arquétipos místicos, e não de dogmas definidos.

O que diz o próprio Padre Nixon

O conteúdo dessas obras já seria perturbador por si só. Mas o Padre Nixon reforçou publicamente seu tom esotérico em múltiplas entrevistas.

Em uma [entrevista de 2023 à *Onyx Music Review*](#), o próprio Padre Nixon admite que sua música não visa a promover a fé católica, mas sim explorar “a dimensão interior da vida”, que ele chama de “a verdadeira essência da condição humana”. Ele distancia sua produção da evangelização, enraizando-a, em vez disso, na introspecção psicológica e na expressão arquetípica. Ele não oferece música sacra na tradição de Santa Hildegarda ou Palestrina. Ele oferece trilhas sonoras ambientais para o subjetivismo místico; artefatos de sentimento espiritual, não de convicção doutrinária.

Em [outra entrevista, para o podcast *Glitch Bottle*](#), um canal conhecido por explorar o esoterismo ocidental, o Padre Nixon faz uma afirmação surpreendente: que os cristãos primitivos não viam a adivinhação como inerentemente problemática, equiparando-a à previsão de chuva a partir de padrões de nuvens. Esse enquadramento revisionista obscurece a condenação consistente e veemente da Igreja à adivinhação como um pecado grave, condenado nas Escrituras (Dt 18), pelos Santos Padres (Agostinho, Tertuliano, Lactâncio), e codificado no ensino magisterial (Catecismo, § 2116–2117). Nixon destrói a distinção teológica crucial entre causalidade natural e manipulação ocultista, importando uma cosmovisão hermética na qual “tudo está de alguma forma conectado”, e o limite entre natureza e sobrenatural é “arbitrário”. Tal cosmologia sustenta a astrologia, a alquimia e a prognosticação mágica, não a teologia sacramental católica. Ao sugerir que a adivinhação é moralmente neutra, a menos que seja praticada com arrogância, Nixon rejeita o ensinamento moral objetivo da Igreja e o substitui por uma ética relativista de “modéstia e cautela”. O resultado é uma lavagem perigosa

da prática esotérica para o tecido da piedade católica, disfarçada de respeitabilidade monástica e vendida como parte da herança perdida da Igreja.

Em contraste, sua [entrevista para a EWTN](#) e seus [livros da TAN Books](#) apresentam uma versão higienizada de seu trabalho: um monge devoto compartilhando sabedoria santa. Nela, Maria é a Mãe de Deus e os santos são modelos de virtude. Não há menção a brantomancia, sigilos, arquétipos mágicos ou sincretismo mariano. O contraste entre suas entrevistas católicas e esotéricas revela uma divisão no público e no tom. Duas mensagens. Dois mercados.

Como isso se propaga

Ninguém está acusando o Padre Nixon de má-fé. Mas a intenção não é a medida do impacto. Quando um monge beneditino empresta seu nome e seu hábito a uma editora que trafica magia ritual, o efeito é real. Quando esse nome aparece ao lado do Papa Celestino V ou de São Luís de Montfort, e também ao lado da invocação de Hécate e da poesia de Aleister Crowley, essa justaposição não apenas confunde. Ela corrompe.

O Padre Nixon cita *From Pan to Artemis*, uma obra de Crowley, o infame ocultista que se autointitulava “A Besta 666” e criava blasfêmias rituais projetadas para parodiar a missa católica. Isso não é literatura neutra. Os escritos de Crowley estão saturados de inversão satânica, misticismo erótico e rebelião esotérica. Inserir sua invocação a Ártemis numa antologia mariana é contaminação espiritual.

É assim que o esoterismo se espalha nos espaços católicos tradicionais: não atacando a ortodoxia de fora, mas infiltrando-se nela. Veste-se com as vestes da Tradição enquanto sussurra o evangelho da autodeificação. Bajula a devoção mariana apenas para esvaziá-la. Toma emprestados a estética católica, os hábitos monásticos, os nomes antigos, a linguagem da piedade, apenas para injetar o veneno hermético. E conta com a nossa incapacidade de notar a mudança.

Madonna ou Magna Mater?

Os católicos tradicionais deveriam ser os primeiros a rejeitar essa falsificação. A Santíssima Virgem não é um arquétipo. Ela é uma pessoa: a Nova Eva, a Mãe de Deus, a Rainha assunta corporalmente ao Céu. Seu *Magnificat* não é uma metáfora mística. É um hino de profecia cumprida. Reduzi-la a um símbolo junguiano ou a uma cifra hermética é profanação.

O culto ao “feminino celestial” está ascendendo. Mas seu espírito não é o Espírito Santo. É o espírito de um novo sincretismo: aquele que troca a Cruz pela lua crescente, o Nascimento Virginal pelo eterno retorno, e o *fiat mihi* pela auto-capacitação mágica.

Na Parte 4, traçaremos como essa infecção espiritual continua a se espalhar; da piedade mariana à poesia mística, à imaginação litúrgica e até mesmo ao culto da educação católica. O reavivamento ocultista não está contente em permanecer às margens. Ele busca a entrada triunfal no santuário.

PARTE 4: DO CORO À SALA DE AULA: COMO O ESOTERISMO ESTÁ CAPTURANDO A CULTURA CATÓLICA



O reavivamento ocultista nos círculos católicos tradicionalistas não está mais confinado a panfletos marginais ou figuras isoladas. Está penetrando na corrente sanguínea cultural, através da música, da literatura, da educação e até mesmo da formação infantil. Os símbolos permanecem católicos, mas o espírito que os anima é cada vez mais estranho. Nesta parte, traçamos como correntes esotéricas estão se infiltrando pelos artefatos culturais da contrarrevolução católica.

Angelico Press: ocultismo ao lado da ortodoxia

A Angelico Press se apresenta como a principal editora da teologia católica tradicional. Seu catálogo inclui nomes como Bispo Schneider, Peter Kwasniewski e John Rao. Mas ao lado desses pilares da ortodoxia, a editora também publica, e às vezes promove, obras profundamente esotéricas.

[Nota d'O Recolhedor: “Pilares da ortodoxia” para Jackson, é claro, não para nós.]

Entre suas ofertas estão livros como *The Universal Meaning of the Kabbalah* (“O Sentido Universal da Cabala”), de Leo Schaya, *Roots of the Bible* (“Raízes da Bíblia”), de Friedrich Weinreb (um conhecido cabalista), e *The Submerged Reality* (“A Realidade Submersa”), de Michael Martin, um livro cujas notas de rodapé parecem um índice de místicos perenialistas e metafísicos gnósticos. Até as *Meditações sobre o Tarô* de Tomberg, há muito criticadas por teólogos ortodoxos, são favoravelmente citadas por autores da Angelico. E seu cofundador, James Wetmore, traduziu os escritos cabalísticos de Schaya e colaborou com Robert Powell, um astrólogo e devoto do culto à Sophia.

Essa justaposição de místicos católicos ao lado de hermeticistas não é acidental. É uma posição editorial. E abre uma porta para os leitores transitarem perfeitamente de São Boaventura para [Madame] Blavatsky, tudo dentro do mesmo catálogo da editora. A mensagem é clara: catolicismo e perenialismo são compatíveis. É a estética da ortodoxia mascarando a teologia da Nova Era.

Gregory the Great Academy e a imaginação mitopoética

A *Gregory the Great Academy* (GGA) apresenta um modelo único de educação católica, igualmente monástico, medieval e mítico. Seu currículo é repleto de literatura clássica, mitologia nórdica e grega, poesia épica e contos de fadas, todos usados para despertar a imaginação moral de seu corpo discente exclusivamente masculino. Os alunos não apenas leem a *Eneida*, eles cantam, memorizam, encenam e até mesmo fazem malabarismos. O resultado é uma atmosfera menos parecida com uma sala de aula de catecismo e mais com um legendário vivo. Contação de histórias, festins rituais, espetáculos dramáticos e orações litúrgicas constituem um ritmo simbólico por meio do qual os meninos encontram a verdade não apenas como doutrina, mas como mistério.

A escola descreve sua abordagem como “educação poética”, apelando para o coração por meio da beleza, do heroísmo e do maravilhamento. Figuras míticas como Aquiles ou Robin Hood são invocadas não para substituir os santos, mas para despertar aspirações à virtude. Tolkien, Chesterton e Homero são tratados como janelas para o significado sacramental, experiências educacionais que transmitem a graça através da imaginação. Alguns críticos podem ver isso como

uma confusão dos limites entre a virtude pagã e a santidade cristã, mas a Academia insiste que está “batizando” fielmente o mito a serviço do Evangelho.

Embora a escola em si não promova o esoterismo, ela existe dentro de um *milieu* tradicionalista mais amplo onde idéias místicas e perenialistas por vezes circulam. Essas afinidades intelectuais não definem a posição oficial da escola, mas refletem o ambiente mais amplo no qual uma pedagogia poética e amigável ao mito pode se sobrepor a tendências espirituais mais ambíguas.

A liderança da GGA parece firmemente enraizada na ortodoxia católica, mas sua estética (heróica, mística, litúrgica) naturalmente convida à reflexão sobre como o mito e a fé são integrados. O risco, como em qualquer abordagem imaginativa, não é o erro formal, mas a ambiguidade espiritual: onde os símbolos perdem seus referentes, e o mistério substitui a doutrina.

A Academia caminha conscientemente nessa corda bamba, visando a formar meninos que conheçam seus deveres piedosos e ainda assim cantem como poetas. Se esse caminho renova a fé ou a dilui, permanece uma questão em aberto, mas é certamente uma questão que vale a pena ser discutida.

New Polity e a tentação do misticismo político

Nem mesmo a teologia política está imune. O projeto *New Polity*, inspirado no integralismo católico e no pensamento de Agostinho e Tomás de Aquino, flertou com formas de economia mística e estética teológica que beiram o esotérico.

Embora grande parte de seu conteúdo esteja fundamentado em um autêntico reavivamento tomista, seus estilos estéticos e citações ocasionais de pensadores místicos como Simone Weil ou William Blake sugerem um apetite pela ambiguidade espiritual disfarçada de ortodoxia radical.

Sua retórica de “imanência”, “encarnação mística” e “liturgia cósmica” às vezes desfoca a linha entre a teologia sacramental e o fusionismo neoplatônico. O resultado é uma teologia política que ocasionalmente se assemelha mais a um gnosticismo litúrgico do que a um realismo encarnacional.

Educação infantil e catolicismo mágico

Um dos sinais mais alarmantes é a infiltração de estéticas esotéricas em livros infantis católicos e materiais de formação familiar. Editoras agora lançam títulos com ilustrações que se assemelham a cartas de tarô ou grimórios medievais.

Alguns livros de histórias confundem santos com heróis folclóricos e anjos com guardiões mágicos. Um título popular inclui uma imagem da Santíssima Virgem cercada por signos do zodíaco e sigilos planetários.

Esse novo gênero poderia ser chamado de “catolicismo mágico”, uma piedade que substitui o mistério da fé pelo encantamento, os sacramentos pelos símbolos e a Igreja por uma busca mítica. Ele bajula a imaginação das crianças enquanto dissolve sua catequese. E é comercializado para pais que praticam homeschooling e academias clássicas como “arte autenticamente católica”.

Conclusão: A captura estética

O que une esses fenômenos não é a heresia doutrinal no sentido formal, mas a sedução estética. O reavivamento esotérico apela não ao intelecto, mas à imaginação. Ele não argumenta contra o dogma. Ele ignora o dogma. Usa a arte, a história, a canção e o símbolo para cultivar uma atmosfera onde o sincretismo parece tradição e a ambiguidade parece misticismo.

Os católicos tradicionais devem resistir a essa tentação. A fé é sacramental, não simbólica. A Madonna não é a *Magna Mater*. A Missa não é um drama mítico. E os santos não são arquétipos. Nós não somos guardiões de símbolos encantados. Somos testemunhas da verdade revelada.

Na Parte 5, traçaremos como essa tendência está sendo normalizada no mundo online através de *podcasts* e *blogs*, e da espiritualidade de *influencers* — frequentemente sob a bandeira da ortodoxia. A contrarrevolução digital está cada vez mais dividida entre a evangelização e a iniciação. A questão é: evangelização para o quê?

**PARTE 5: O PENTAGRAMA DOS PODCASTS: OCULTISMO NA MÍDIA
CATÓLICA**



Na Parte 4, traçamos como temas esotéricos e ocultos infiltraram-se em editoras, instituições e até mesmo em espaços litúrgicos do catolicismo tradicional. Mas o alcance desse reavivamento não se limita às estantes de livros e aos púlpitos. Ele prospera na corrente sanguínea algorítmica da mídia católica digital.

De canais do YouTube a *podcasts*, *newsletters* do Substack a *threads* de mídia social, uma nova classe de *influencers* católicos está reformulando o catolicismo como um labirinto místico de símbolos, iniciações e conhecimento secreto, completado com estéticas de tarô, analogias alquímicas e vocabulário gnóstico, tudo camuflado na linguagem da tradição.

Gnostalgia e a ascensão do podcast esotérico

Um dos exemplos mais explícitos é o *Gnostalgia Podcast*, um programa que se descreve abertamente como explorador da interseção entre o catolicismo tradicional e o “esoterismo ocidental”. Seus convidados incluem figuras imersas em hermetismo, cabala e metafísica ocultista, tudo enquanto invocam a linguagem do monasticismo e da piedade do rito latino.

Esses episódios frequentemente se valem de estéticas tradicionais: introduções com canto gregoriano, fontes góticas, iconografia, tudo para encobrir temas gnósticos como o feminino divino, a ascensão espiritual através do conhecimento secreto e a rejeição da autoridade religiosa externa. O que se passa por misticismo é muitas vezes um painel de heresias.

Os anfitriões, e muitos de seus convidados, claramente anseiam por uma versão do catolicismo que pareça mais encantada. Mas o que eles acabam vendendo é iniciação. A Igreja já viu esse padrão antes.

Sebastian Morello e a autodefesa dos influencers esotéricos

Quando desafiados por sua proximidade com ideias ocultistas ou gnósticas, muitos desses *influencers* reforçam sua posição em vez de se retratarem. Um exemplo perfeito é Sebastian Morello, cujo livro *Mysticism, Magic, and Monasteries* (“Misticismo, Magia e Mosteiros”) foi alvo de críticas por seu elogio ambíguo às tradições mágicas e ao misticismo sincrético.

Em vez de esclarecer ou se retratar, Morello recorreu ao Substack para se defender. Em “Snuffing the Pyre: A Reply to Michael Warren Davis” (“Apagando a Fogueira: Uma Resposta a Michael Warren Davis”), ele insiste que o misticismo católico é muitas vezes mal compreendido e que as críticas ao sincretismo são simplistas. Resumindo [o artigo], ele confunde teologia mística legítima com religião mágica.

Em vez de explicar por que as crenças de Morello são incompatíveis com o catolicismo, neste caso, acho que um áudio vale mais que mil palavras. Neste trecho do *Gnostalgia Podcast: The Gods on Their Knees* (“Os Deuses de Joelhos”), Morello descreve com naturalidade como a manifestação de Valentin Tomberg, o autor de *Meditações sobre o Tarô*, estava a guiar seus escritos do além-túmulo como um “deus” literalmente presente na sua sala de estar. Peço que ouça este excerto do *podcast* e se pergunte se isso se aproxima de algo que deva ser apresentado como católico:

<https://www.youtube.com/watch?v=Leuxu00sSZM&list=TLGGQf2Dm81CkZoyODEwMjAyNQ>



O livro de Morello foi publicado pela editora *Os Justi Press*, propriedade de ninguém menos que o Dr. Peter Kwasniewski, uma referência no catolicismo tradicionalista. Longe de se distanciar da obra, o professor Kwasniewski defendeu

vigorosamente tanto o livro quanto Morello em sua página no Facebook, dando a ambos renovada credibilidade entre muitos tradicionalistas:

“Eu apoio 100% Morello e seu livro, e recomendo-o de todo o coração a todos os leitores intelectualmente aventureiros que procuram uma crítica potente à doença da modernidade, juntamente com uma visão profundamente encarnacional e sacramental da vida católica, apontando o caminho para a cura.”

Da devoção ao fetichismo estético

O que conecta esses *podcasts* e *influencers* não é a doutrina, mas a afeição. Seu apelo reside no estado de espírito: livros antigos, santos obscuros, vocabulário arcano, altares mal iluminados e vestimentas bordadas. O sobrenatural já não é uma realidade dogmática a ser acreditada, mas um sistema simbólico a ser explorado.

Essa tendência é particularmente forte entre os católicos mais jovens, desiludidos com a modernidade. Eles anseiam pelo sobrenatural não como verdade revelada, mas como fuga imaginativa. É um catolicismo de fantasia, mais alinhado com RPGs e folclore medievais do que com o Concílio de Trento.

Eles querem voar em dragões sobre arco-íris, perseguir leprechauns e lutar contra o Jabberwock. São primos dos caçadores de fantasmas.

Sua oposição ao modernismo é real, mas eles reagem não retornando ao tomismo ou à tradição magisterial, mas romantizando a magia. É um sobrenaturalismo desvinculado da disciplina.

Jimmy Akin e o “novo normal”

Jimmy Akin, apologista sênior da *Catholic Answers* e anfitrião do *Jimmy Akin's Mysterious World*, frequentemente navega por esse terreno com fineza. Quando os ouvintes perguntam sobre tarô ou astrologia, Akin não condena sumariamente. Em vez disso, ele emite juízos cautelosos: a astrologia pode ser abusada, o tarô é arriscado, mas essas práticas nem sempre são pecado mortal.



Jimmy Akin, da *Catholic Answers*

Ao fazê-lo, ele muda o tom da rejeição para a nuance. As práticas ocultistas tornam-se curiosidades espirituais: divertidas, talvez até úteis, se manuseadas corretamente. Seu *podcast* tem a pegada de um programa de rádio “coast-to-coast” AM com um rosário na mão.

Para o ouvinte comum, a mensagem é clara: a Igreja não é contra o misticismo. Você só tem que praticá-lo com responsabilidade.

O alienígena, o apologeta e o eticista

Considere esta preciosidade do submundo dos *podcasts*: um episódio de *Pints with Aquinas* (“Canecas de Cerveja com Aquino”) no qual Matt Fradd entrevista o apologista da *Catholic Answers*, Jimmy Akin, sobre OVNI, Maçonaria e Pé Grande. Sim, é sério.

Num certo ponto, a conversa toma um rumo verdadeiramente extraterrestre. Akin relata um caso de suposta abdução alienígena em que o abduzido alega ter sido forçado a copular com uma fêmea alienígena. Em vez de rir ou mudar de assunto, Fradd corajosamente faz a próxima pergunta óbvia: “Seria imoral fazer sexo com um alienígena?”.

O que se segue não é sátira. Akin lança-se numa análise moral tomística meticulosa da intimidade alienígena-humana, analisando se seria fornicção, bestialidade ou talvez moralmente permitida, dependendo do nível de racionalidade do alienígena.

Não há palavras, mas há um vídeo [a partir do minuto 3.29.00]:

<https://www.youtube.com/watch?v=1S-r-qS47r4&list=TLGGepSwiJ-1X5IyODEwMjAyNQ>

Não estou a sugerir que isso seja ocultismo. Estou a sugerir que seja apenas *cosplay* teológico. É um sintoma do que acontece quando o discurso católico se desvincula da seriedade pastoral, da gravidade doutrinária e de qualquer contacto com prioridades sãs.

Vivemos um momento em que as devoções marianas estão a colapsar, a catequese está dizimada e os abusos litúrgicos grassam, mas o *podcast* católico tem tempo para debater a ética da reprodução interestelar.

Evangelização ou iniciação?

A Igreja ensina que o propósito da evangelização é a conversão: um voltar-se para a verdade. Mas o que muitos desses meios de comunicação católicos promovem não é a conversão, mas a iniciação.

Eles não conduzem as pessoas a Cristo, mas antes as atraem para um mundo simbólico, prometendo iluminação por meio do mistério, dos arcanos e da gnose interior.

É por isso que figuras como Morello, Akin e anfitriões de *podcasts* com simpatias gnósticas não são exceções. Seu conteúdo prospera porque mistura estética espiritual com um *ethos* de exploração esotérica. A ortodoxia deixa de ser uma exigência do intelecto para se tornar um sabor da imaginação.

O meio é o mistério

A mídia católica, como toda mídia, molda a formação. E quando *podcasts*, *tik-toks* e *reels* do YouTube adotam estéticas esotéricas e conteúdo sincrético, eles não

apenas “exploram”, eles catequizam. Eles reeducam os sentidos. Eles substituem a verdade pela “atmosfera”.

O que você sente torna-se no que você acredita

E assim, o reavivamento do catolicismo tradicionalista online enfrenta um perigo silencioso: que, ao fugir do racionalismo ressequido do modernismo, caiamos no abismo luminoso do misticismo desgovernado.

Na Parte 6, exploraremos o núcleo doutrinário e metafísico desta tendência: o reavivamento da sofologia, o culto místico do divino feminino. Sob a beleza da devoção mariana reside uma teologia das sombras que deve ser exposta.

PARTE 6: OS NOVOS GNÓSTICOS: SOPHIA, SOFIOLOGIA E O ABSOLUTO FEMININO



Na parte anterior desta série, revelamos como o reavivamento digital do catolicismo tradicionalista foi cooptado por estéticas esotéricas, espiritualidade iniciática e misticismo de *influencers*. *Podcasts*, *blogs* e canais do YouTube

funcionam agora como espaços semi-litúrgicos para a automodelagem simbólica e a experimentação espiritual. Mas por trás desse fenômeno reside algo mais profundo e sombrio: um reavivamento da metafísica gnóstica sob o disfarce de piedade mariana. Esse é o culto a Sophia.

Este capítulo examina o reavivamento da sofiologia: um sistema teológico místico centrado em Sophia, a sabedoria de Deus personificada como feminina. À primeira vista, pode parecer um floreado poético dentro do misticismo cristão. Mas sob a poesia esconde-se uma mutação metafísica. Para alguns pensadores atuais influenciados pelo tradicionalismo, Sophia já não é uma figura de beleza retórica ou de simbolismo bíblico. Ela tornou-se um princípio metafísico: co-igual a Deus, mãe arquetípica, noiva cósmica, rosto feminino do divino.

Exploraremos o ressurgimento contemporâneo dessa idéia, especialmente por meio de figuras como Michael Martin e Charles Upton, e das plataformas editoriais e personalidades que lhe dão oxigênio. Veremos também como Sophia é usada para mistificar e desconstruir a doutrina mariana, distorcer a união hipostática e abrir a porta para uma cosmologia quase panteísta ou gnóstica.

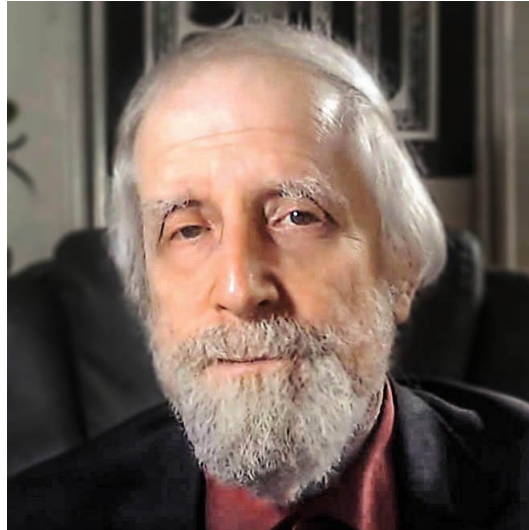
O que é a sofiologia?

O termo sofiologia está mais associado a pensadores russos como Vladimir Soloviev, Sergei Bulgakov e Pavel Florensky, cujas especulações místicas sobre a sabedoria divina frequentemente derivaram para territórios condenados tanto por autoridades católicas como ortodoxas. Bulgakov, em particular, foi acusado de heresia por postular Sophia como uma “quarta hipóstase” na Trindade, efetivamente transformando Deus numa divina quaternidade.

Em seus sistemas, Sophia não é meramente um nome poético para a sabedoria divina (como na Escritura), mas um ser ou princípio cósmico. Ela é eterna, distinta, mas de alguma forma consubstancial a Deus. Nesse esquema, Sophia torna-se o pólo feminino da própria divindade. Sem surpresa, essa teologia tem atraído perenialistas, esoteristas e místicos radicais.

A virada sofiológica da Escola Tradicionalista

Entra em cena Charles Upton, um convertido ao Islã e perenialista metafísico que promove Sophia como uma ponte entre as religiões mundiais. Baseando-se em René Guénon, Frithjof Schuon e no misticismo oriental, Upton apresenta Sophia como o Absoluto feminino universal. Na sua visão, todas as tradições autênticas — Islã, Cristianismo, Hinduísmo, Budismo — estão unidas por Sophia como a face feminina da verdade metafísica.



Charles Upton (1948–)

Esse enquadramento sincrético é profundamente influente em novos escritores católicos esotéricos, especialmente aqueles que publicam pela Angelico Press ou aparecem em *podcasts* simpáticos à causa. O próprio Upton é citado favoravelmente por muitas figuras do meio trad-ocultista, e sua mistura de linguagem mariana com misticismo sofiológico tem confundido muitos católicos bem-intencionados.

Michael Martin e o reavivamento de Sophia

Talvez o mais visível promotor católico da sofiologia hoje seja Michael Martin. Seus livros, especialmente *The Submerged Reality* (“A Realidade Submersa”) e *Transfiguration* (“Transfiguração”), desenvolvem explicitamente a sofiologia como uma teologia fundamental. Martin apresenta Sophia como uma realidade metafísica e experiencial: o portal para o misticismo, a teologia ecológica e a renovação da tradição.



Michael Martin

Martin promove uma forma de misticismo fortemente moldada por Rudolf Steiner e Valentin Tomberg. Ele afirma a autenticidade das *Meditações sobre o Tarô* e elogia rotineiramente pensadores antroposóficos. Apesar disso, ele comercializa seu trabalho como um retorno ao misticismo católico, aproveitando-se do conservadorismo estético e da linguagem anti-modernista para ganhar tração nos espaços tradicionalistas.

Mas a teologia de Martin é radicalmente divergente do Depósito da Fé. Ele descreve Sophia como um princípio eterno, o “interior” da Divindade, e uma presença mediadora na redenção: uma linguagem que desfoca a linha entre a devoção mariana e a co-divindade metafísica. Sua teologia é especulação gnóstica vestida com mantos marianos.

Sophia como um cavalo de Tróia

Um dos aspetos mais perigosos da sofiologia é sua tendência a sequestrar a devoção mariana. Sophia é frequentemente apresentada como a “realidade interior” de Maria, ou o arquétipo cósmico que Maria manifesta. Mas isso transforma sutilmente Maria de uma criatura singularmente agraciada por Deus para um princípio metafísico pré-existente. A criatura torna-se o Criador. A serva se torna a deusa.

Essa confusão é agravada pela estratégia estética e afetiva dos autores sofiológicos. Imagens marianas, referências ao Rosário, elogios à liturgia tradicional, tudo é usado para criar a ilusão de ortodoxia. Mas, por trás disso, existe uma revolução metafísica.

Em lugar de Cristo como mediador exclusivo entre Deus e o homem, Sophia torna-se uma figura híbrida, parte Shekinah, parte Alma-do-mundo platônica, borrando as fronteiras entre a tipologia bíblica e a cosmologia gnóstica. O resultado é um sistema metafísico paralelo, onde a salvação não vem pela fé e pelos sacramentos, mas por meio de arquétipos, ascensão e conhecimento secreto.

Frutos perigosos

Esse movimento não é meramente especulativo. Sua metafísica leva a consequências espirituais. Um misticismo centrado em Sophia tende a:

- Minar a singularidade de Cristo;
- Confundir o divino e o criado;
- Incentivar a experimentação espiritual sobre a assentimento dogmático;
- Substituir a obediência da fé pela busca do conhecimento esotérico.

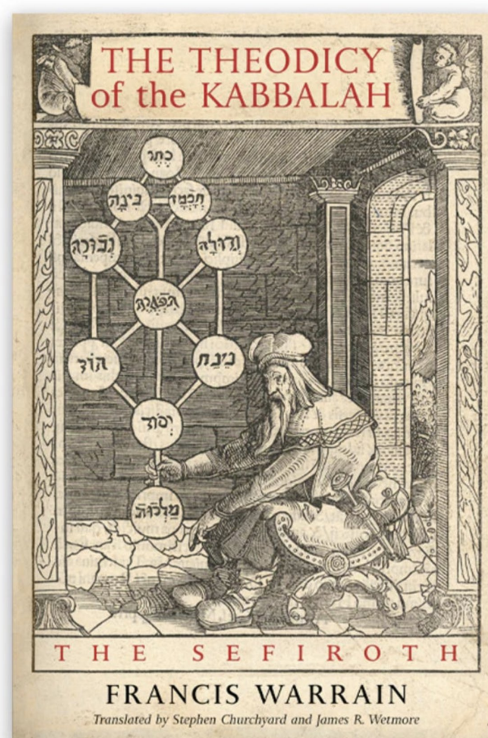
Isso não é a tradição mística de Teresa de Ávila ou João da Cruz. Está mais próximo da teosofia do que da teologia.

Conclusão: O regresso da tentação gnóstica

A sofiologia é o motor metafísico por trás de grande parte do reavivamento oculto que documentamos. É o coração secreto do esoterismo tradicionalista, um sonho de feminilidade divina, uma contra-narrativa mística à ortodoxia católica. Promete unidade, beleza e profundidade espiritual, mas oferece confusão, ambiguidade e heresia.

Na Parte 7, confrontaremos o ecossistema editorial que permite esse reavivamento. Examinaremos como a Angelico Press, por meio de decisões editoriais e curadoria de catálogos, tornou-se um portal para a infiltração esotérica sob a bandeira da tradição. A questão já não é mais se esse reavivamento existe. Mas saber quem o promove e por quê.

PARTE 7: DA SUMA À CABALA: BEM-VINDO À ANGELICO PRESS



Na parte anterior, exploramos como a metafísica de Sophia ressurgiu no discurso católico tradicional como um cavalo de Tróia teológico. Esse ressurgimento não ocorre num vácuo: está a ser promovido, curado e normalizado por editoras que reivindicam fidelidade à tradição. A principal entre elas é a Angelico Press.

A Angelico descreve-se como uma editora católica tradicionalista, oferecendo obras de Tomás de Aquino, Garrigou-Lagrange e Joseph Ratzinger. Mas, aninhado entre a *Suma* e as encíclicas, encontra-se um estranho cânone paralelo: místicos antroposóficos, metafísicos perenialistas, teólogos cabalísticos e defensores de uma espiritualidade baseada no tarô. Isso é um padrão.

Um catálogo em contradição

A lista da Angelico inclui algumas das figuras mais respeitadas da teologia e espiritualidade católicas. Mas também inclui Michael Martin, Valentin Tomberg, Charles Upton e outros, cujas obras estão impregnadas de especulação esotérica e metafísica gnóstica.

- *Meditações sobre o Tarô*, de Valentin Tomberg, é apresentado como uma obra de *insight* espiritual católico. No entanto, contém endossos explícitos à reencarnação, à salvação universal e à fusão do catolicismo com a magia hermética.
- As obras de Michael Martin promovem a sofologia e a antroposofia, baseando-se em Rudolf Steiner e nos arquétipos gnósticos para reinterpretar a teologia mariana e a experiência mística.
- Charles Upton, um metafísico perenialista, elogia Sophia como o rosto feminino do divino e faz a ponte entre o imaginário católico e o misticismo islâmico e hindu.

Esses não são casos incidentais. Estão entre os autores mais ativamente promovidos pela Angelico. E a sua influência está a espalhar-se precisamente porque a reputação da Angelico lhe confere credibilidade.

A estética da credibilidade

A Angelico conhece seu público. Suas capas imitam missais antigos. Suas fontes evocam a piedade pré-conciliar. Seu marketing apela ao desejo de tradição, reverência e estabilidade. Mas essa reverência superficial cria um escudo que protege obras que se afastam radicalmente da fé católica no conteúdo, mesmo quando imitam suas formas.

Essa “lavagem” da heresia por meio da fidelidade estética é uma das características definidoras do reavivamento ocultista. Já não é necessário que o

esotérico se anuncie com velas, cristais e livros de feitiços. Agora usa mantilhas, cita Garrigou-Lagrange e exala um leve aroma de incenso.

Editores, não apenas autores

A questão não é apenas quem é publicado, mas quem edita e promove as obras. O co-fundador da Angelico, James Wetmore, editou *The Universal Meaning of the Kabbalah* (“O Sentido Universal da Cabala”), de Leo Schaya, uma obra de misticismo judaico mais tarde reeditada pela Sophia Perennis. Ele também trabalhou extensivamente em edições multi-volume de Anne Catherine Emmerich, frequentemente misturando comentários místicos com tons esotéricos.

Outro colaborador, Robert Powell, autor de *Hermetic Astrology* (“Astrologia Hermética”) e fundador da Sophia Foundation, apareceu junto a Wetmore em publicações antroposóficas. Essas conexões sugerem uma visão de mundo mais profunda a moldar a curadoria da Angelico: a crença de que o catolicismo tradicional e a filosofia perenialista são compatíveis, até mesmo complementares.

Confiança, trads e o “efeito porta de entrada”

Para muitos católicos, Angelico é um nome de confiança. Sua publicação do Cardeal Sarah e do Bispo Schneider dá a impressão de solidez teológica. Mas essa credibilidade funciona como uma porta de entrada. Um jovem católico compra *Christus Vincit* de Schneider, e então depara com *Meditações sobre o Tarô*, ambos da mesma editora. Sem formação ou discernimento, presume que ambos devem ser seguros.

[Nota d’O Recolhedor: “Solidez teológica” para Jackson, é claro, não para nós.]

É assim que o reavivamento se espalha; não por meio de uma rebelião aberta, mas por uma confusão espiritual santificada pela embalagem.

Uma casa dividida



Angelico Press

@AngelicoPress

Replying to [@JustACatholic1](#)

We are a publisher sir. We publish books so that they may be available to the public, who are free to draw their own conclusions about them. Our personal beliefs are our own and we're not obligated to share them with every wandering twitter-sage. Good day.

4:31 pm · 17 Sept 21

A Angelico continua a embalar-se como um farol da ortodoxia católica. Seu catálogo apresenta obras de teólogos respeitados, porém estas se encontram ao lado de títulos inconfundivelmente esotéricos. Isso não é uma coincidência.

Considere o fundador e presidente da editora, John Riess, ex-editor de aquisições da Dover Publications. Antes disso, Riess trabalhou na Weiser's, a famosa livraria ocultista mais tarde conhecida como Red Wheel/Weiser, a livraria ocultista mais antiga dos EUA, com foco profundo em Crowley, hermetismo, misticismo oriental e saberes da Nova Era. Essa experiência proporcionou a Riess não apenas uma compreensão privilegiada do esoterismo, mas também a sagacidade de mercado para apresentá-lo sob uma marca dissimulada.

Nas redes sociais, críticos como Alistair McFadden destacaram esse *pedigree*. Um ex-colega de Riess revelou sua experiência na Weiser's, afirmando que certa vez ele ajudou a organizar uma coleção impressionante de baralhos de tarô, incluindo *The Art of Tarot: 794 Cards* ("A Arte do Tarô: 794 Cartas"), e supostamente serviu a um cliente da realeza com volumes especializados em ocultismo.

Quando confrontada, a Angelico defendeu-se sucintamente: "Somos uma editora, senhor... [os leitores] são livres para tirar suas próprias conclusões... as nossas crenças pessoais são [apenas] nossas". Mas a questão permanece: quem está

escolhendo quais crenças pessoais promover, e por que agora, em nome da tradição católica?

É tentador desculpar o catálogo da Angelico como um exercício de diversidade editorial ou abertura intelectual. Mas a editoração católica não é um mercado neutro. É uma forma de evangelização. Promover obras que contenham ideias heréticas, ocultistas ou gnósticas ao lado da *Suma* é uma quebra de confiança.

Uma editora que imprime tanto a verdade quanto o veneno não pode ser chamada de católica em nenhum sentido significativo. E aqueles que publicam, promovem ou se calam perante essa tendência tornam-se cúmplices.

Conclusão: Não somente uma editora

A Angelico Press é mais do que uma editora. É um sintoma da confusão mais profunda que infectou o mundo católico tradicional: uma disposição para misturar água e óleo, ortodoxia e ocultismo, Garrigou-Lagrange e René Guénon. Num tempo de fome espiritual, ela oferece tanto pães quanto pedras.

Na Parte 8, examinaremos as vozes que nos poderiam ter avisado, mas não o fizeram. Confrontaremos os teólogos, autores e apologetas do YouTube que mascaram a ambiguidade como nuance, desculpam o erro como exploração e enquadram a tradição como um estado de espírito em vez de uma ordem. O reavivamento ocultista prospera não apenas na publicação, mas também na proteção.

PARTE 8: DEFENSORES DA LITERATURA OCULTISTA NA MÍDIA CATÓLICA TRADICIONALISTA



Por favor, não ligue para este número, pois pode invocar o espírito de Valentin Tomberg. Além disso, esta é obviamente uma imagem de paródia.

Nos últimos anos, tem-se observado um reavivamento ocultista no catolicismo tradicionalista, no qual certos autores imbuem o discurso católico com idéias esotéricas, herméticas ou perenialistas. Quando essa tendência foi exposta criticamente num artigo de 2021 por Alistair McFadden, em vez de alarme universal, ela provocou uma reação surpreendente de algumas figuras católicas tradicionalistas proeminentes.

Esses indivíduos (escritores, editores e personalidades online) defenderam publicamente ou minimizaram as tendências ocultistas em autores como Valentin Tomberg, Sebastian Morello, Michael Martin, Charles Upton e outros. Alguns chegaram a ridicularizar McFadden e críticos semelhantes como histéricos ou

ignorantes. Abaixo está um olhar abrangente sobre essas figuras, suas conexões com obras esotéricas e exemplos de seu endosso público ou despreocupação quanto à gravidade de tudo isso.

Peter Kwasniewski: erudito tradicionalista justifica obras esotéricas

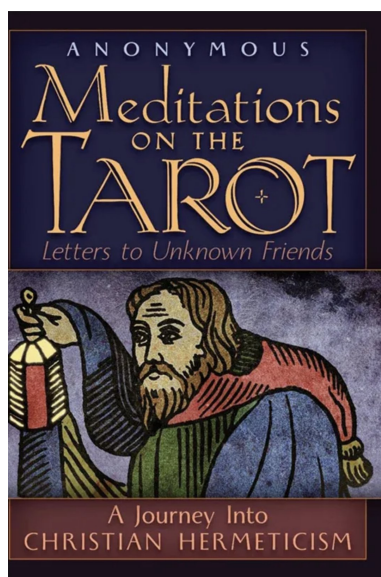


O Dr. Peter A. Kwasniewski é um renomado autor e acadêmico católico tradicionalista que, talvez inadvertidamente, deu apoio à inclusão de obras com influência ocultista nos círculos tradicionalistas. Por exemplo, Kwasniewski elogiou exuberantemente *Cor Jesu Sacratissimum* de Roger Buck, um livro explicitamente inspirado nos escritos esotéricos de Valentin Tomberg. Na verdade, Kwasniewski listou o livro de Buck (que o próprio Buck disse ser guiado “acima de tudo” por Tomberg) entre os seus principais livros católicos tradicionalistas recomendados.

Ao promover o trabalho de Buck sem ressalvas, Kwasniewski escusou efetivamente as idéias herméticas e gnósticas de Tomberg que Buck “põe de lado” como não centrais. Kwasniewski também tem sido um dos maiores entusiastas da Angelico Press, a editora no centro dessa controvérsia, chamando-a de “a principal editora de livros católicos tradicionalistas imaginativos e intelectualmente rigorosos”.

Esse endosso veio no momento em que a Angelico republicava *Meditações sobre o Tarô* de Tomberg, um tomo ocultista repleto de cabala, magia e conceitos gnósticos, e promovendo-o como um “clássico espiritual” para “os buscadores espirituais de hoje” (veja a imagem abaixo). O apoio entusiástico de Kwasniewski ao catálogo e autores da Angelico sinalizou a muitos fiéis tradicionalistas que tais

obras eram presumivelmente seguras, ou pelo menos não perigosas, apesar de seu conteúdo esotérico.



A capa de *Meditações sobre o Tarô: Uma Jornada ao Hermetismo Cristão*, de Valentin Tomberg, republicada pela Angelico Press em 2020 com elogios brilhantes. O texto de Tomberg apresenta as filosofias ocultistas (hermetismo, cabala, etc.) como “essenciais” para a verdadeira crença católica, mas tem sido adotado por algumas editoras e escritores católicos tradicionalistas como uma fonte de “insight” e até mesmo de espiritualidade “radicalmente ortodoxa”.

O papel de Kwasniewski vai além do elogio indireto. Em 2024, ele fundou a Os Justi Press e publicou pessoalmente o livro de Sebastian Morello, *Mysticism, Magic, & Monasteries: Recovering the Sacred Mystery at the Heart of Reality* (“Misticismo, Magia e Mosteiros: Recuperando o Mistério Sagrado no Coração da Realidade”), que defende uma forma de “hermetismo cristão” como parte da renovação da Igreja. Isso é notável porque a obra de Morello promove explicitamente a “chamada ‘magia hermética’ como uma parte importante do reavivamento espiritual da civilização ocidental”, uma tese que muitos consideram blasfema.

No entanto, Kwasniewski não apenas publicou o livro como também deu a Morello uma plataforma para defendê-lo quando a controvérsia surgiu. Em junho de 2025, Kwasniewski hospedou a réplica de Morello aos críticos no seu Substack, notando a “importância” de dar a Morello uma audiência. Ao dar relevo à resposta de Morello (e disponibilizá-la gratuitamente para todos os leitores), Kwasniewski mostrou uma clara solidariedade com o autor criticado, minimizando implicitamente as preocupações dos críticos.

De fato, a falta de qualquer alarme de Kwasniewski ou dos seus pares tradicionalistas sobre a publicação de um livro de “magia hermética” pela Os Justi foi apontada como “particularmente preocupante” pelo comentarista católico

Thomas Mirus. Mirus notou a “triste ironia” de que um “arquitradicionalista” como Kwasniewski estivesse envolvido na promoção de tais idéias. Em suma, tanto por suas escolhas editoriais como por seus comentários públicos, Peter Kwasniewski emergiu como uma figura-chave na normalização da presença de idéias influenciadas pelo ocultismo no discurso católico tradicionalista.

Ryan Grant: apologista de autores acusados de ocultismo



Ryan Grant, um tradutor e editor católico (Mediatrix Press), tem sido outro defensor ferrenho daqueles acusados de tendências ocultistas. Grant entrou na briga no início de 2021, quando a exposição de Alistair McFadden sobre influências ocultistas estava a ganhar força. Em vez de aplaudir o alerta, Grant recorreu às redes sociais para desmerecê-lo e defender seus amigos. Notavelmente, ele saiu em defesa de Charles Coulombe, que havia sido alvo de críticas por seus interesses esotéricos.

No Twitter, Grant acusou McFadden e outros de “calúnia” por sugerirem que Coulombe se envolvia com práticas ocultistas. Ele insistiu que Coulombe “havia se explicado” e que ele, Grant, aceitava a explicação, o que implicava que os críticos estavam simplesmente se recusando a acreditar em Coulombe.

Grant minimizou as declarações controversas de Coulombe (como lamentar o triunfo do tomismo sobre o “ultra-realismo” hermético) como uma opinião permitida dentro do catolicismo, mesmo que ele pessoalmente “ache que ele está

errado”. Na opinião de Grant, denunciar o fascínio de Coulombe pela magia hermética ou pelo tarô era injusto e falso. Ele rotulou publicamente tais preocupações de “mentira” e exagero.

Outros comentários de Grant e daqueles que ele influenciou revelam um padrão de ridicularização dos críticos. Numa conversa documentada por um blogueiro católico, os aliados de Grant zombaram que “por essa lógica, Aquino é um pagão porque usa Aristóteles”, zombando do paralelo traçado entre Coulombe invocando saberes ocultistas e um teólogo citando filosofia pré-cristã.

Esse argumento de espantalho, equiparando efetivamente a adivinhação do tarô à citação de um filósofo grego, mostra a atitude desdenhosa que Grant encorajou. A reação geral dos defensores de Coulombe, com Grant à frente, foi a de que McFadden “interpretou mal” Coulombe e os católicos tradicionalistas não deveriam se preocupar com um pouco de esoterismo.

Quando pressionado sobre por que esse ocultismo seria aceitável num contexto católico, Grant se esquivou, chegando a sugerir que, na Igreja pós-conciliar, não seria lá grande coisa “se Charles fosse, de fato, um ocultista”. Efetivamente, Ryan Grant atuou como um apologista das simpatias pelo ocultismo, minimizando sua gravidade.

Suas intervenções públicas no Twitter e em *blogs* retrataram aqueles que levantavam bandeiras vermelhas como “inquisidores” históricos, e mantiveram as reputações de homens como Coulombe. Essa defesa proativa de Grant, uma figura respeitada no meio editorial tradicionalista, certamente minimizou a influência ocultista em questão e deu cobertura à sua contínua propagação nos círculos tradicionalistas.

[Nota d'O Recolhedor: Grant é o mesmo embusteiro que traduziu para o inglês as obras de São Roberto Belarmino adulterando os trechos em que o santo doutor demonstra a impossibilidade de um Papa herético. Coincidência?]

Charles A. Coulombe: historiador tradicionalista que abraça o hermetismo



Charles Coulombe e o Dr. Hoeller, bispo da Igreja Gnóstica, em 2017

Talvez nenhuma figura represente melhor a interseção entre o catolicismo tradicionalista e o esoterismo ocultista do que Charles A. Coulombe. Coulombe é um historiador e autor católico (associado à *Crisis Magazine*, TAN Books e Tumbler House Publishing) que há anos mescla abertamente temas herméticos e mágicos em sua obra.

Na verdade, Coulombe praticamente defendeu um reavivamento “hermético cristão”. Em 1990, ele escreveu um artigo na revista *Gnosis* argumentando explicitamente que a Igreja “deve retornar à... visão mágica da vida” e que “o processo de batizar o hermetismo, interrompido pela Reforma, deve ser concluído”.

Essa citação espantosa, efetivamente instando a Igreja a retomar a integração da magia hermética ocultista na espiritualidade católica, mostra bem a posição de Coulombe. Ele considera a supressão do hermetismo (no Concílio de Trento, que canonizou a teologia tomística) um trágico descarrilamento, e anseia pela restauração da cosmovisão hermética/alquímica dos neoplatônicos renascentistas na vida católica.

Coulombe não se limita a teorizar; ele se dedica a práticas ocultas. Durante anos, participou de uma sessão anual de “leitura de cartas de tarô” para os Estados Unidos, organizada por uma igreja gnóstica em Los Angeles. A Gnostic Society orgulhosamente anunciou “o nosso bom amigo, Charles Coulombe”, como um leitor de tarô destacado nesses eventos. (Só depois de um padre o repreender publicamente é que Coulombe prometeu parar de fazer leituras de tarô em público.)

Ele também escreveu ensaios em *blogs* exaltando a “imaginação hermética”, chegando a fornecer interpretações místicas detalhadas de símbolos do tarô, como

o Ás de Copas, como imagens do “mais profundo hermetismo cristão”. No *blog* da Tumbler House (um site de uma editora católica tradicionalista onde ele era “acadêmico residente”), Coulombe publicou um “FAQ do Ultra-Realismo” que criticava duramente a teologia tomista (aristotélica) como “mal adaptada para católicos” e “uma receita para o desastre”, culpando o tomismo pelo “declínio da Igreja”.

No lugar de Tomás de Aquino, Coulombe elogiou a “visão de mundo mágica” dos ocultistas da Golden Dawn e de outros hermetistas, insistindo que misturar catolicismo com tal esoterismo “faria pleno sentido” para a fé de épocas anteriores. Tudo isso equivale a Coulombe endossar um sincretismo do catolicismo com a espiritualidade ocultista, uma posição da qual ele nunca se retratou, mesmo que tenha atenuado a exibição pública após as críticas.

É importante ressaltar que a proeminência de Coulombe na mídia católica tradicional deu credibilidade a essas ideias. Ele escreveu uma coluna popular sobre história, escreveu livros para editoras tradicionalistas *mainstream* e recebeu um título de cavaleiro papal, tudo enquanto introduzia discretamente noções herméticas/ocultas a seu público.

Por exemplo, Coulombe foi escolhido para escrever o prefácio do livro recente de Sebastian Morello (que defende abordagens “herméticas”), endossando-o assim. Seu nome na capa de Morello sinalizou aos leitores que a obra se situa dentro dos limites aceitáveis da tradição, quando na verdade propõe um “reencantamento” ocultista da Fé.

Coulombe também elogiou *Cor Jesu* de Roger Buck (como mencionado anteriormente) sem qualquer cautela, apesar das simpatias ocultistas de Buck, inspiradas em Tomberg. Quando Alistair McFadden expôs as inclinações esotéricas de Coulombe, a reação de Coulombe não foi de arrependimento, mas de autocomiseração e defesa por meio de amigos como Grant.

Em fóruns públicos, os apoiantes de Coulombe (ecoando sua própria posição) ridicularizaram as preocupações com o ocultismo como sendo alvoroço “ignorante do Novus Ordo” ou inveja. Um padre observador notou que “o movimento tradicionalista está lentamente a tornar-se um movimento gnóstico entre alguns”, aludindo incisivamente à influência de Coulombe.

De fato, toda a carreira de Coulombe, abrangendo o catolicismo da missa latina e o misticismo ocultista, incorpora essa mesma tendência. Longe de se desculpar, Charles Coulombe continua a sustentar que a sabedoria hermética/esotérica pode enriquecer a tradição católica, e considera tacanhos os críticos dessa visão. Sua proeminência e a lealdade de outros tradicionalistas como Grant ajudaram a

normalizar a conversa sobre “batizar” o ocultismo dentro de alguns setores da subcultura tradicionalista.

Sebastian Morello: defensor do “reencantamento” que minimiza o ocultismo



Dr. Morello a ser guiado pelo Espírito Daemon (no sentido helenístico) de Valentin Tomberg, conforme imaginado por Roger Buck. Esta é obviamente uma imagem de paródia.

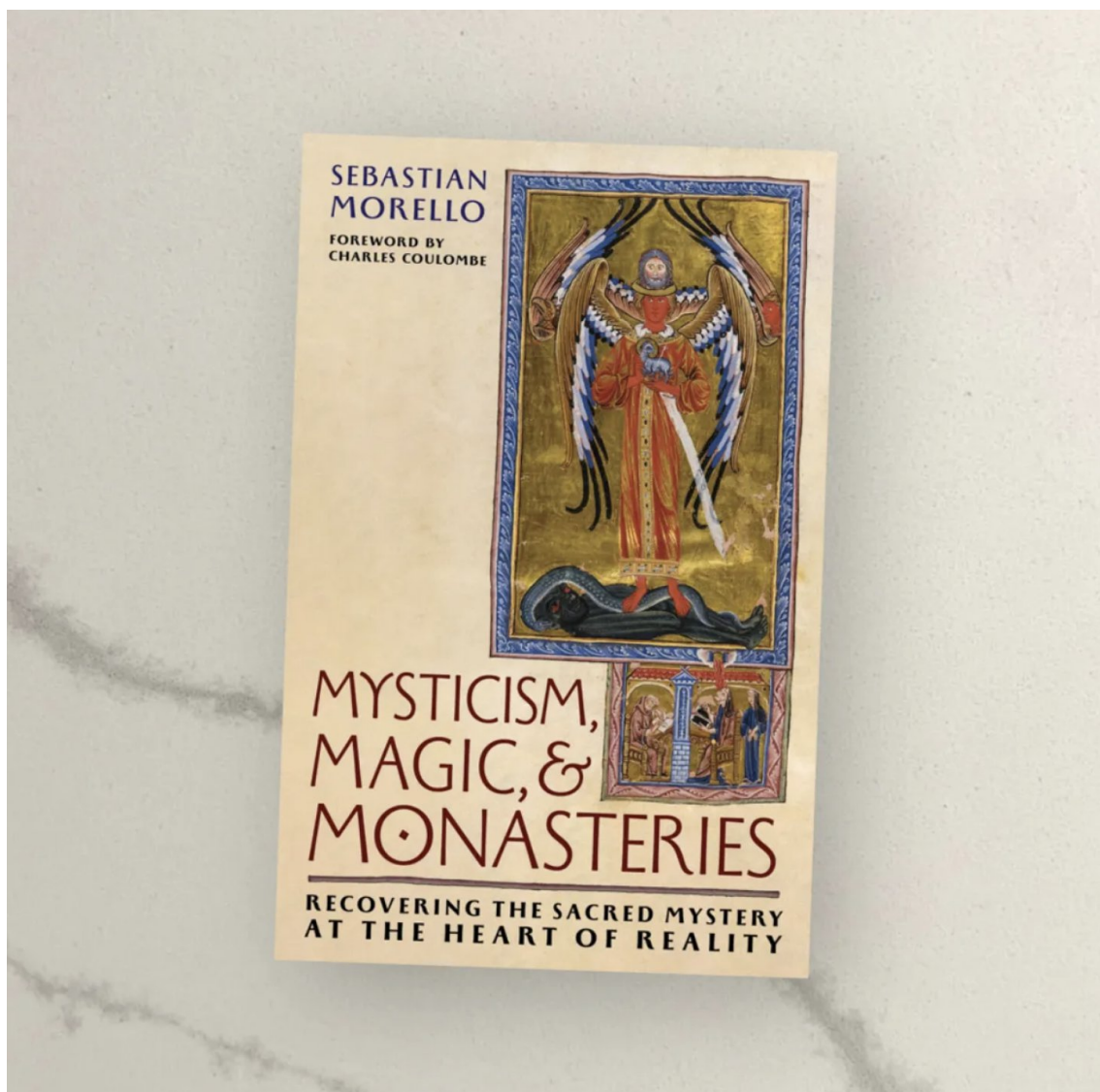
O Dr. Sebastian Morello (um escritor católico britânico e ex-editor do *The European Conservative*) provocou uma polêmica recente ao integrar explicitamente conceitos herméticos e mágicos em um contexto católico e, em seguida, defender-se ferozmente e rechaçar seus críticos. O livro de Morello de 2024, *Mysticism, Magic, & Monasteries: Recovering the Sacred Mystery at the Heart of Reality* (“Misticismo, Magia e Mosteiros: Recuperando o Mistério Sagrado no Coração da Realidade”), argumenta que a Igreja deve resgatar elementos da “magia hermética” como parte da renovação da Cristandade.

Numa série de ensaios precursores, ele chegou a perguntar: “Pode a magia hermética salvar a Igreja?” (uma questão que ele ostensivamente responde “com um não qualificado” no livro, mas só depois de exaltar os benefícios que as tradições herméticas poderiam oferecer). Isso naturalmente alarmou muitos católicos fiéis, que o viram como uma infiltração ocultista. No entanto, Morello e seus aliados foram rápidos em minimizar a palavra “magia” e ridicularizar aqueles que soavam alarmes.

Quando Michael Warren Davis publicou uma crítica mordaz comparando a promoção da magia por Morello ao endosso à sodomia, Morello respondeu com uma réplica longa (apresentada por Kwasniewski), acusando Davis de “calúnia” e deturpação. Morello insistiu que ele nunca concluiu que a magia pode salvar a Igreja, ele estava apenas “postulando a questão” e explorando respostas.

Ele então afirmou que por “magia” ele quer realmente dizer “teurgia divina” ou uma oferta participativa da criação a Deus, essencialmente tentando redefinir o termo de uma forma que ele afirma ser compatível com a prática cristã. Essa manobra semântica veio com a alegação de que críticos como Davis não conseguiram compreender essas nuances. Num artigo na OnePeterFive, Morello adotou um tom condescendente para com seus detratores, dizendo que é “muito óbvio que aqueles que gritam em tons estridentes” contra idéias herméticas cristãs ou perenialistas o fazem “por ignorância quase total, se não total”.

Ele retratou sua teologia de influência ocultista (o que ele chama de “reencantamento cristão”) como uma “área frutífera do pensamento católico” e pintou os opositores como reacionários mal-informados. Em outras palavras, a estratégia pública de Morello tem sido espiritualizar a ambiguidade: ele envolve conceitos herméticos numa linguagem que soa ortodoxa e, em seguida, ridiculariza os críticos por não compreenderem sua visão elevada.



Capa de *Mysticism, Magic, & Monasteries* (2024) de Sebastian Morello, que propõe provocativamente o uso de práticas espirituais “herméticas” para combater o racionalismo moderno. Notavelmente, o prefácio é escrito por Charles Coulombe, sinalizando endosso de um tradicionalista proeminente. Morello insiste que sua conversa sobre “magia” se refere a uma participação “batizada” ou sagrada na criação, e critica duramente a “estridente... ignorância” dos críticos em relação a essa distinção.

Morello também aponta precedentes históricos na tentativa de normalizar sua abordagem. Ele cita frequentemente Santo Tomás de Aquino e Santa Hildegarda de Bingen sobre cristais e poderes naturais para argumentar que a crença no que chamaríamos de “magia” fazia parte da visão de mundo católica pré-moderna. Ao fazê-lo, ele sugere que os católicos contemporâneos são os que estão fora de sintonia por rejeitarem essas idéias encantadas; uma inversão inteligente que enquadra o ocultismo como meramente a recuperação de uma sabedoria católica perdida.

Quando confrontado com o fato de que a “magia” é explicitamente condenada no ensino da Igreja (por exemplo, na *Didaquê*), Morello respondeu traçando

distinções finas entre a “goécia” (feitizaria) ilícita e o que ele chama de “teurgia divina” (que ele equipara à providência sacramental). Essa minúcia é parte de como ele minimiza a natureza ocultista das suas propostas, tentando mantê-las dentro dos limites da aceitabilidade católica.

Enquanto isso, os apoiadores de Morello têm atacado agressivamente seus críticos online. Um artigo no Substack de Michael Martin, amigo de Morello, intitulado “The Druid Stares Back” (O Druida Contra-Ataca”) zombava de “alguns tipos com demasiado tempo livre a criticar o novo livro de Sebastian Morello”, e intitulou sarcasticamente o *post* “Christian Hermeticism for Dummies” (“Hermetismo Cristão para Leigos”). Essa rejeição leviana exemplifica como o círculo de Morello trata os católicos preocupados: como zelotas ingênuos que simplesmente não os entendem.

Em resumo, Sebastian Morello posicionou-se como um defensor do “reencantamento” do catolicismo com misticismo e até elementos da tradição ocultista. Ao fazê-lo, ele endossou explicitamente autores como Valentin Tomberg (ele “é um grande fã de Tomberg”, observou um amigo) e invocou pensadores perenialistas. E, em vez de responder com humildade a seus críticos, Morello escolheu impugnar publicamente sua compreensão e motivos. Seu caso é um excelente exemplo de uma figura católica tradicional a normalizar a ambiguidade espiritual, encobrendo conceitos esotéricos em linguagem católica e desculpando tudo isso alegando um *insight* mais profundo da herança mística da Fé.

Michael Martin: sofíólogo que defende textos esotéricos



O Dr. Michael Martin é outra figura que atravessa o catolicismo tradicional e as correntes esotéricas. Acadêmico e escritor americano, Martin é um dos principais

promotores da sofiologia (teologia mística focada na sabedoria divina [Sophia]) e seu trabalho frequentemente cruza-se com autores ocultistas e perenialistas. Martin tem feito grandes elogios a tais obras.

Por exemplo, ele tem sido um dos entusiastas das *Meditações sobre o Tarô* de Valentin Tomberg. Martin saudou o livro ocultista de Tomberg como “possivelmente a obra mais radicalmente ortodoxa... do último século”, uma descrição impressionante para um texto que mistura explicitamente o ensino católico com cabala, tarô, reencarnação e teosofia.

Essa recomendação (publicada no site do Martin’s Center for Sophiological Studies) foi tão efusiva que a Angelico Press o destacou na contracapa da sua edição de 2020 das *Meditações sobre o Tarô*. Na visão de Martin, a síntese esotérica de Tomberg “recebe elogios sem limites” e oferece grande valor espiritual, apesar de até Roger Buck admitir que os elementos ocultistas do livro são “definitivamente problemáticos para os católicos”.

Martin minimiza esses problemas ou os trata como nuances interpretativas. Ao chamar as *Meditações* de “radicalmente ortodoxas”, ele sugere que o que parece heterodoxo ou ocultista na superfície seja, na realidade, profundamente fiel, desculpando assim o conteúdo heterodoxo como meras “ambiguidades” que se podem ser ignoradas.

Os próprios escritos de Martin sobre sofiologia percorrem terreno semelhante. Ele mergulha em místicos como Jacob Boehme, Vladimir Solovyov e Sergei Bulgakov; figuras não heréticas *per se*, mas cujas ideias sobre a sabedoria divina feminina e afins têm sido frequentemente vistas com suspeita.

A abordagem de Martin acolhe *insights* das “correntes esotéricas” do cristianismo (a própria expressão que a Angelico usa para promover Tomberg). Sem surpresa, a Angelico Press publicou os livros de Martin ao lado de outros autores contemporâneos cujos limites teológicos são vistos por alguns como heterodoxos.

Thomas Mirus observa que a Angelico continua a publicar as obras de Michael Martin mesmo após remover discretamente os rótulos explicitamente “esotéricos” de seu site. Isso sugere que a marca da teologia mística de Martin, embora não ortodoxa para alguns, foi integrada ao cenário editorial “tradicionalista”. Martin também emprestou seu peso acadêmico aos empreendimentos da Angelico — por exemplo, ele foi listado como editor da *Jesus the Imagination*, uma revista que explora mitos, imaginários e espiritualidade em diferentes tradições.

Publicamente, o Dr. Martin defendeu a superação de fronteiras espirituais. Ele frequentemente argumenta que o envolvimento com tradições de sabedoria não católicas (seja neoplatonismo, religiões orientais ou folclore) pode enriquecer a fé

católica, um argumento clássico perenialista e da unidade transcendente das religiões.

Num debate, Martin afirmou que as tradições herméticas e neoplatônicas são “profundamente anti-gnósticas” e compatíveis com o cristianismo, citando como até mesmo figuras “ortodoxas” como Newman, Jean Borella e Wolfgang Smith encontraram valor nelas. Ao reformular as tradições esotéricas como aliadas contra o materialismo moderno (em vez de ameaças inerentes), Martin minimiza os perigos e zomba daqueles que veem apenas sincretismo ou infiltração da Nova Era.

De fato, Martin explicitamente descartou como ignorância o alarme sobre a influência ocultista nesse meio. Ele aplaudiu uma crítica aos “preconceitos da modernidade” e elogiou o envolvimento católico com o pensamento perenialista como algo “frutífero”, ridicularizando vozes “estridentes” que gritam contra tudo isso.

Isso reflete a posição de Morello e não é uma coincidência. Martin e Morello atuaram em alguns dos mesmos círculos (Martin foi um dos apoiadores da editora de Morello, e seus interesses se sobrepõem em temas sofiológicos e herméticos). Em suma, Michael Martin se destaca como um apologista acadêmico da integração de conteúdo esotérico ao pensamento católico.

Ele endossa textos que muitos católicos consideram contaminados de ocultismo, como os de Tomberg, mas também fornece o quadro intelectual de que tal integração é uma recuperação da Tradição autêntica, e não uma ruptura. Sua influência, especialmente por meio da publicação e da academia, ajudou a normalizar essas ideias entre tradicionalistas mais instruídos, que confiam que se um Ph.D. católico chama algo de “radicalmente ortodoxo”, então deve ser seguro ler, mesmo que resida no site da Amazon sob a seção “magia & alquimia”.

Editores e plataformas que permitem cruzamentos ocultistas

Para além das personalidades individuais, certas editoras e plataformas de mídia desempenharam um papel descomunal em trazer escritores esotéricos à aceitação católica tradicional. A principal delas é a Angelico Press, sobre a qual falei na última parte.



Angelico Press

@AngelicoPress

Replying to @JustACatholic1

We are a publisher sir. We publish books so that they may be available to the public, who are free to draw their own conclusions about them. Our personal beliefs are our own and we're not obligated to share them with every wandering twitter-sage. Good day.

4:31 pm · 17 Sept 21

A Angelico é uma respeitada editora tradicional que tem atuado simultaneamente como um canal para obras perenialistas e de cunho ocultista. A Angelico Press foi cofundada por John Riess e James Wetmore em 2009 com uma missão única: foi criada, em parte, para publicar obras de perenialistas católicos e pensadores da Escola Traditionalista.

Na verdade, a Angelico operava um selo significativamente intitulado Sophia Perennis (que compartilhava o nome com uma editora perenialista já existente, da qual Wetmore participava), dedicado a tais títulos. O agora extinto site da Sophia Perennis afirmava descaradamente seu princípio fundamental: “a Unidade Transcendente das Religiões” (a idéia de que todas as grandes religiões partilham uma verdade mística comum) e a exploração das aplicações desses princípios.

Em outras palavras, os fundadores da Angelico endossaram abertamente a visão “tradicionalista” guénoniana (da escola de René Guénon), que reúne religiões sob um guarda-chuva místico. É notável que uma editora elogiada pelos católicos da Missa Latina por suas ofertas [de obras] ortodoxas também tivesse, no seu cerne, uma agenda tão esotérica.

Esse catálogo de duas caras explica como a Angelico Press acabou por imprimir Tomás de Aquino e cabala lado a lado. Eles publicam autores tradicionais

reverenciados (Guéranger, Chesterton, Cardeal Burke, etc.) e publicam ou republicam autores ocultistas como Valentin Tomberg, o místico sufi Frithjof Schuon, a cabala do século XIII, e obras sobre alquimia e hermetismo.

Muitos leitores tradicionalistas, vendo os nomes familiares, simplesmente presumiram que todos os títulos da Angelico eram seguros. Como disse um comentador: “A Angelico... tornou-se tanto uma editora tradicionalista guénoniana popular entre os católicos tradicionalistas quanto uma editora católica tradicionalista”.

A influência é evidente: a atraente capa dura da edição de 2020 da Angelico para *Meditações sobre o Tarô* (Tomberg) deu a esse manifesto ocultista uma renovada legitimidade nos círculos católicos que nunca antes tivera. Veio repleta de endossos de católicos conceituados como Robert Spaemann e Stratford Caldecott na contracapa, e até mesmo mencionava que as *Meditações* haviam recebido “incontáveis elogios”, uma afirmação desmentida por seu conteúdo, que apresenta a reencarnação, a Maçonaria e a cosmologia gnóstica como compatíveis com a Fé.

O fato de títulos da Angelico Press estarem a ser vendidos na livraria da FSSP, apesar da inclusão de obras como *Meditações sobre o Tarô*, demonstra a eficácia com que o material esotérico era disfarçado sob um verniz tradicionalista.

Somente após a denúncia de McFadden em 2021 é que a Angelico eliminou discretamente as referências explícitas, removendo a categoria “esoterismo cristão” do seu site e retirando algumas postagens de *blog*, admitindo essencialmente que a farsa havia acabado. No entanto, incrivelmente, eles não pararam de publicar os livros problemáticos. *Meditações sobre o Tarô* e os títulos heterodoxos de Michael Martin permanecem impressos. A Angelico Press, portanto, continua a ser um portal para o perenialismo e idéias ocultistas na comunidade tradicionalista, embora de forma mais discreta agora.

TAN Books

Outro ator importante é a TAN Books, uma editora católica tradicionalista sólida conhecida por seus clássicos piedosos. Embora a TAN em si mesma não publique obras ocultistas, um de seus principais colaboradores tornou-se uma ponte involuntária para o mundo ocultista: Pe. Robert Nixon, O.S.B. Discutido numa parte anterior desta série, Pe. Nixon é um monge beneditino tradicionalista que traduziu várias obras espirituais em latim para a TAN (por exemplo, livros de Santo Afonso, o diurnal monástico beneditino, etc.).

No entanto, veio à tona que Pe. Nixon trabalha paralelamente como tradutor para a Hadean Press, uma editora especializada em obras ocultistas, cujo catálogo está repleto de livros de feitiços e guias de magia ritual. Sob a Hadean Press, Pe.

Nixon traduziu títulos como *Imperatrix Aeterna: Magical Stories of the Queen of Heaven*, um livro que reimagina a Santíssima Virgem Maria através de lentes ocultistas e pagãs. A própria descrição da Hadean para essa obra fala da veneração de uma “figura feminina divina ou quase divina” entre tradições espirituais, essencialmente um sincretismo da Nova Era/ocultismo usando imagética mariana.

O contraste gritante de um monge devoto a traduzir tal material levantou muitas sobrancelhas. Sugere uma profunda ambiguidade na forma como alguns católicos tradicionalistas abordam essas coisas: por um lado, sustentando devoções ortodoxas, e por outro, flertando com interpretações ocultistas dessas mesmas devoções.

Thomas Mirus destacou a vida dupla do Pe. Nixon em seu artigo como sintomática de um problema mais amplo: até mesmo um respeitado padre-erudito tradicionalista pode ser levado a “reinterpretar a tradição católica para [fins ocultistas]”. A liderança da TAN Books não comentou publicamente sobre isso, mas a revelação em si foi alarmante. Mostra que mesmo as editoras católicas veneráveis precisam de vigilância, pois indivíduos dentro de suas fileiras podem estar a normalizar uma perspectiva ocultista (no caso de Nixon, talvez a vendo como “folclore” ou exploração cultural inofensiva).

Joseph Shaw e Rorate Caeli

Um dos casos mais marcantes de quietismo institucional face ao reavivamento ocultista envolve o Rorate Caeli, um dos blogues católicos tradicionalistas mais influentes, e o Dr. Joseph Shaw, presidente da Latin Mass Society da Inglaterra e País de Gales.

Em 2021, Alistair McFadden apresentou uma denúncia detalhando as conexões da Angelico Press com a literatura perenialista, cabalística e hermética, incluindo capturas de tela, dados de catálogo e ligações editoriais. De acordo com McFadden, o Rorate Caeli concordou inicialmente em publicar o artigo. Mas assim que Joseph Shaw se envolveu, o artigo foi retirado. Shaw tinha vários livros publicados pela Angelico Press na época e estava a promover ativamente novos títulos deles, incluindo *From Benedict's Peace to Francis's War* (“Da Paz de Bento à Guerra de Francisco”) e *The Vulnerary of Christ* (“O Vulnerário de Cristo”).

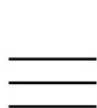


Alistair McFadden 🍄 @Just... · 10/19/21 ...

Replying to @JustACatholic1 @AsTheRain1
and 6 others

To my delight, **Rorate** Caeli actually agreed to publish it. Instead, Joseph Shaw intervened to quash it. Once it was published, the very people I had followed for years and respected most -- who I looked to for answers -- came out to denounce me. I still don't understand it.

O duplo papel de Shaw como colaborador da Angelico e uma influência editorial no Rorate Caeli criou um conflito de interesses. Embora seu trabalho público muitas vezes defenda a tradição litúrgica, sua aparente intervenção nos bastidores para suprimir uma investigação crítica sobre as conexões ocultistas da Angelico minou qualquer pretensão de transparência. Quando McFadden publicou a denúncia noutro lugar, vozes tradicionalistas proeminentes se distanciaram e, em alguns casos, denunciaram-no publicamente.



Angelico Press

Joseph Shaw

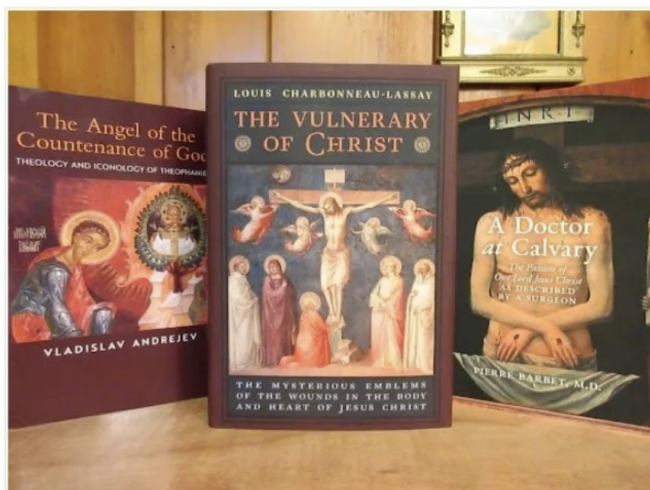
Joseph Shaw is Chairman of the Latin Mass
Society of England and Wales.

Entretanto, o Rorate Caeli continuou a promover títulos da Angelico Press muito depois de ter tomado conhecimento de seu catálogo esotérico. Um *post* de agosto de 2021 celebrou o “Renascimento Editorial Tradicionalista” da Angelico, apresentando livros como *The Angel of the Countenance of God* (“O Anjo da Face de Deus”) e *The Vulnerary of Christ* (“O Vulnerário de Cristo”) — tudo isso ignorando as outras obras da editora sobre tarô, cabala e misticismo de Sophia.



Traditionalist Publishing Renaissance (3): Angelico releases definitive book on Medjugorje, among other new titles

As Rorate has before featured announcements of new books from St. Augustine Academy Press and Arouca Press, so too we have mentioned the premiere traditionalist publisher in English, Angelico Press. The “Catholic Traditionalist Classics” series, for example, includes Fr. Bryan Houghton’s *Mitre and Crook* and *Judith’s Marriage* as well as Tito Casini’s *The Torn Tunic*. With many new titles having been released by Angelico in recent months, it is high time for a brief presentation of ten of them. Some of the following short reviews are in my own words and some are publisher descriptions (I will indicate which is which).



Louis Charbonneau-Lassay. *The Vulnerary of Christ: The Mysterious Emblems of the Wounds in the Body and Heart of Jesus Christ*. Translated by G. John Champoux. Brooklyn: Angelico Press, 2021. 586 pp. Paperback \$28 / Hardcover \$40. Available at [Amazon](#) and [Tumblar](#).



Tweets by @RorateCaeli

Rorate Caeli
@RorateCaeli
Requiem aeternam dona eis, Domine, et lux perpetua luceat eis.

Requiescant in pace.
<https://twitter.com/WSJ/status/1430938090357600257>

41m

Rorate Caeli
@RorateCaeli
It would have been so nice of CNA to have mentioned Rorate, where this was published in English. It's just common courtesy.

Esse silêncio é um endosso por omissão. Quando plataformas confiáveis como o Rorate Caeli optam por destacar os títulos ortodoxos de uma editora enquanto escondem preocupações sobre conteúdo heterodoxo, eles contribuem para a

lavagem da confusão teológica sob a bandeira da tradição. Não é meramente um lapso de julgamento, mas uma falha de responsabilidade.

Tumblar House

Por fim, vale a pena mencionar a Tumblar House, uma editora e site de mídia católico de menor porte, porque ela ilustra como as plataformas de mídia tradicionalistas deram espaço a simpatizantes do ocultismo. A Tumblar House, que se orgulha de [publicar] “livros católicos de qualidade que aderem à tradição”, contratou Charles Coulombe como bloguista regular e até trouxe o Pe. Chad Ripperger e o Dr. Taylor Marshall para seus projetos.

No entanto, no blog oficial da Tumblar, Coulombe publicava seus ensaios pró-hermetistas (“Hermetic Imagination”, “Ultra-Realism FAQ”) sem qualquer advertência. Foi nesse mesmo blog que o próprio Pe. Ripperger alertou em 2018 que “entre alguns o movimento tradicionalista está lentamente a se tornar um movimento gnóstico” — uma declaração assustadora, considerando que ele compartilhava uma plataforma com alguém que defendia a magia hermética.

A Tumblar House acabou removendo os artigos ocultistas de Coulombe (supostamente depois que a reação de 2021 o forçou a retirá-los), mas, nessa altura, essas idéias já circulavam entre seus leitores. O cenário na Tumblar House é um microcosmo: um fórum tradicionalista confiável abrigando inadvertidamente propaganda ocultista, até ser exposto. Isso ressalta que o reavivamento de idéias ocultistas no catolicismo tradicionalista foi facilitado não apenas por indivíduos, mas pelas próprias instituições nas quais os tradicionalistas confiam para obter material ortodoxo.

Quando a Tradição se torna uma marca



Esta é obviamente uma imagem de paródia.

O reavivamento ocultista jamais poderia ter triunfado apenas por meio da heresia. Ele triunfou porque a heresia foi envolta em imagens reverentes e disfarçada de misticismo. E foi protegida por aqueles que se beneficiam do ecossistema: autores, blogueiros, palestrantes e acadêmicos cujo sustento depende de redes de publicação como a Angelico, e cujas reputações dependem de permanecer nas boas graças da “Trad Inc.”.

A ironia é gritante. As mesmas figuras que ousadamente denunciaram o Papa Francisco por ambiguidade, que rejeitam com razão a adesão sinodal à vagueza doutrinal, de repente se calam quando a ambiguidade veste uma mantilha de renda e cheira a incenso.

É assim que o sobrenatural é estetizado. Não por meio de inversão demoníaca, mas por meio de deferência burocrática. Não por uma heresia flagrante, mas por um dar de ombros.

Conclusão

Na Parte 8 do exame deste “reavivamento do ocultismo” no catolicismo tradicionalista, identificamos uma rede de figuras que, por ação ou omissão, normalizaram a presença de escritores esotéricos, influenciados pelo ocultismo, no discurso católico tradicionalista. Desde estudiosos respeitados como Peter Kwasniewski dando aprovação tácita, até polemistas como Ryan Grant atacando denunciando; desde autores como Charles Coulombe e Sebastian Morello misturando ativamente o hermetismo com o catolicismo, até editoras como a Angelico Press e seus associados fornecendo uma plataforma; todos, de diferentes maneiras, defenderam ou minimizaram as tendências ocultistas contra as quais os críticos tentaram alertar.

Suas justificativas variam desde a reivindicação de “ortodoxia mais profunda” nessas idéias heterodoxas, até a difamação de católicos preocupados, taxados de ignorantes, ou o apelo a precedentes históricos ou jogos semânticos. O resultado tem sido uma confusão significativa entre os fiéis leigos: muitos nunca ouviram falar de “hermetismo cristão” ou perenialismo antes, e agora alguns estão sendo informados de que tais coisas são compatíveis com a Fé, e até benéficas para ela. Como observou Thomas Mirus, “o cenário tradicionalista parece abrigar não poucas figuras que advogam seus interesses ocultistas sob o disfarce de uma tradição antiga e venerável”. Isso é exatamente o que vemos nas evidências acima.

Deve-se enfatizar que nem todos os tradicionalistas estão envolvidos nisso. Longe disso. Como Mirus sabiamente observou, a vasta maioria dos católicos tradicionalistas comuns provavelmente não está ciente dessas correntes esotéricas subterrâneas. Muitos ficariam horrorizados ao saber de leituras de tarô ou

“magia” sendo introduzidas sorrateiramente em suas devoções. Mas, como os indivíduos aqui documentados são proeminentes (autores, editores, doutores, clérigos), sua influência pode se espalhar sutilmente, a menos que seja escrutinizada.

A Igreja condenou consistentemente a prática da magia e do conhecimento secreto de estilo gnóstico como incompatíveis com o Evangelho; uma verdade eterna que esses revivalistas do ocultismo obscurecem. A lição desta pesquisa é a importância de “testar os espíritos” (1 João 4,1), mesmo dentro do nosso amado movimento tradicionalista.

Nenhuma bela missa em latim ou fachada ortodoxa garante que idéias venenosas não estejam à espreita nas notas de rodapé. Os fiéis devem ficar atentos quando virem linguagem espiritual ambígua, endosso exagerado de místicos não cristãos, ou ridicularização de críticas teológicas legítimas.

As figuras acima, cada uma à sua maneira, forneceram cobertura para a “sabedoria da antiga serpente”, aquela tentação perene ao conhecimento secreto orgulhoso. Ao documentar suas palavras e ações com citações claras, lançamos luz sobre o que era para permanecer nas sombras.

Que o leitor tire conclusões prudentes, e que a mídia católica de boa reputação responsabilize esses influenciadores. A verdadeira Tradição Católica não precisa de “reencantamento oculto”. Ela possui a plenitude da verdade e o poder da graça, inteiramente suficientes para dissipar as trevas que esses erros da moda apenas convidam.

Na Parte 9, retornaremos ao núcleo teológico. Qual é o real ensinamento da Igreja sobre práticas ocultistas, espiritualidade sincretística e fenômenos mágicos? E como os apologistas modernos têm tentado relativizar ou suavizar essa doutrina para um público moderno? A ambiguidade não vem apenas da esquerda. Ela vem de dentro.

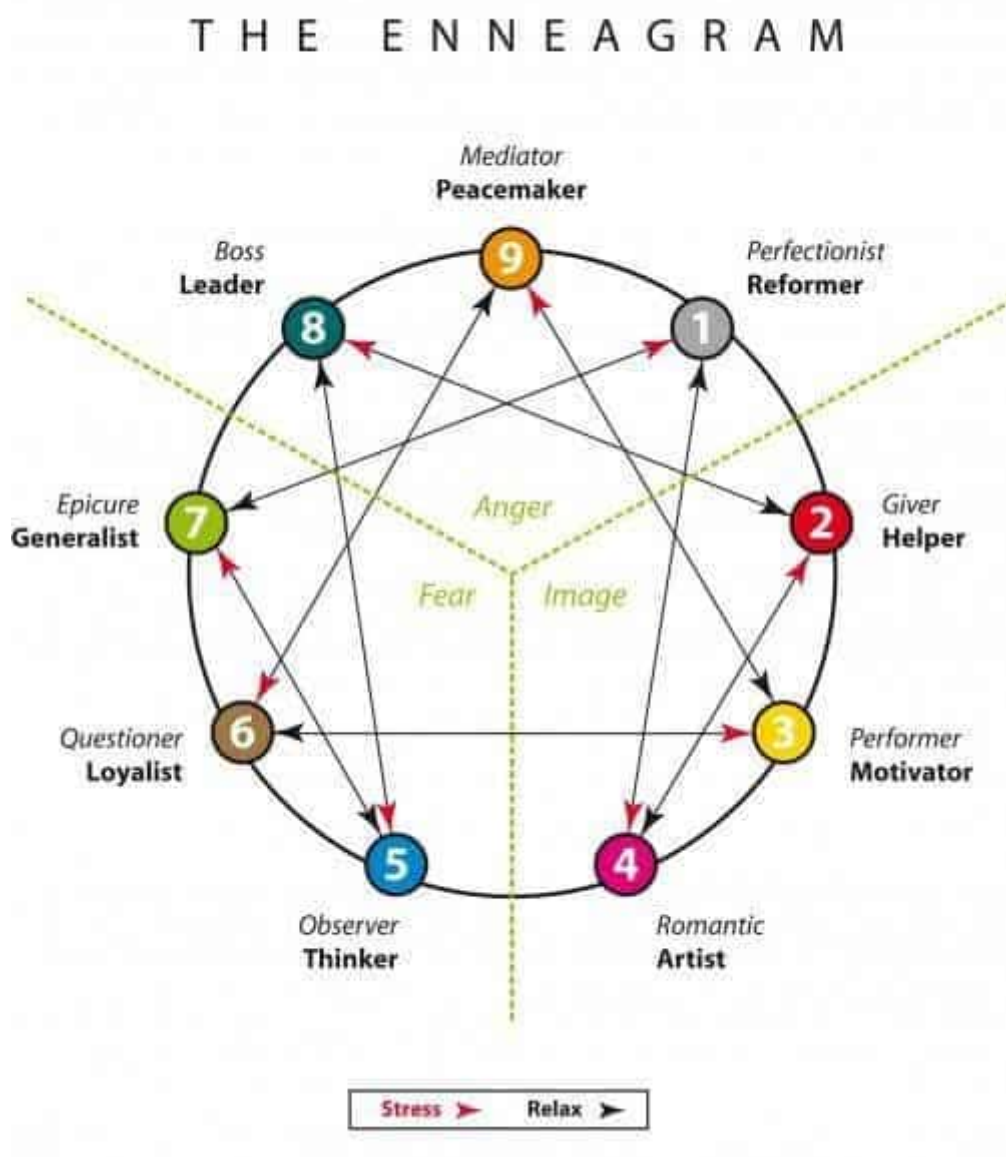
Fontes:

- McFadden, Alistair. “Observations on the Influence of the Occult in Traditional Catholic Discourse”. Medium, 12 de janeiro de 2021. (Denúncia original destacando a influência de Tomberg em Roger Buck e os escritos herméticos de Charles Coulombe.)
- Novus Ordo Watch. “Beware! Occultists masquerading as ‘Traditional Catholics’” (resumo do artigo de McFadden). 5 de abril de 2021.
- Mirus, Thomas. “Occult subversion of traditional Catholicism”. CatholicCulture.org. 5 de junho de 2025. (Comentário nomeando Morello,

Coulombe, Pe. Nixon, os laços da Angelico Press com a Sophia Perennis e o papel de Kwasniewski.)

- Morello, Sebastian. “To Achieve Clarity, to Avoid Scandal: Some Statements on Christian Re-Enchantment”. OnePeterFive. 11 de junho de 2025. (Resposta pública de Morello defendendo seu trabalho e repreendendo críticos.)
- Morello, Sebastian. “Snuffing the Pyre: A Reply to Michael Warren Davis”. Tradition & Sanity (Os Justi Press Substack). 9 de junho de 2025. (Réplica de Morello hospedada por Kwasniewski, esclarecendo sua posição sobre “magia hermética”).
- Michael Martin’s “The Druid Stares Back” Substack. “Christian Hermeticism for Dummies”. Junho de 2025. (Defesa satírica de Morello por Martin, zombando dos críticos.)
- Introibo Ad Altare Dei (Catholic blog). Comments on “When Strangers Come Knocking – Part 20”. Abril de 2021. (Documentando as respostas de Ryan Grant e outros a McFadden nas redes sociais, incluindo tuítes de Grant defendendo Coulombe.)
- Reddit r/TraditionalCatholics. Thread “Interest in the occult growing amongst some trad Catholics?” (usuário A Simple Man and others). Outubro de 2023. (Discussão da comunidade nomeando Morello, podcast Gnostalgia, incidente do tarô de Rees-Mogg, etc., e citando o ensaio de Morello no European Conservative sobre cura por cristais e Aquino.)
- Angelico Press. Official website product page for *Meditations on the Tarot*. (Mostra o marketing do livro de Tomberg e os endossos de Balthasar, Spaemann, Caldecott, etc.)
- Os Justi Press. Página oficial de *Mysticism, Magic, & Monasteries*. (Mostra Coulombe como escritor do prefácio e descreve a tese de Morello de superar o “feitiço” da modernidade através do mistério sagrado.)

PARTE 9: COMO A CULTURA DA TERAPIA ESTÁ INTRODUZINDO SORRATEIRAMENTE O OCULTISMO NO DISCURSO CATÓLICO



Nas partes anteriores desta série, traçamos como temas ocultistas e esotéricos infiltraram-se nas publicações católicas tradicionalistas, na cultura de *podcasts* e no discurso espiritual. Mas existe outro veículo, mais respeitável, para essa infiltração: a saúde mental. Em particular, a ascensão da cultura da terapêutica católica, imbuída de jargões sobre traumas, jargões somáticos (palavras da moda sobre o corpo) e metafísica junguiana, tornou-se um cavalo de Tróia para a introdução sorrateira de práticas que a Igreja há muito condena.

O batismo das palavras da moda

Navegue pelo Instagram e você encontrará terapeutas católicos anunciando “oração somática”, “direção espiritual baseada em IFS” e “discernimento baseado

em traumas”. O que significam essas frases? Em teoria, descrevem uma síntese da oração católica com *insights* da psicologia moderna. Na prática, frequentemente reembalam práticas da Nova Era em vocabulário católico.

Considere Kolbe Young, um terapeuta somático católico que oferece exercícios de *breathwork* (trabalho respiratório) e consciência corporal enquadrados como “permanecer na presença de Deus” através da regulação do sistema nervoso. Essa fusão de linguagem devocional e técnicas de autorregulação pode parecer inofensiva. Mas sob ela reside uma mudança mais profunda: a substituição da graça pelo *grounding* (enraizamento), e do Espírito Santo pelo nervo vago.



Kolbe Young

Retiros de sincretismo

Casas de retiro católicas estão organizando eventos que teriam sido escandalosos uma geração atrás. Um retiro de 2024 intitulado “Imersão na Natureza, Criação do Amor”, liderado por Shannon Gorres, prometia aprofundar a consciência espiritual através da terapia florestal, cânticos e exercícios de respiração guiada. Gorres, criada como católica, é agora ordenada numa ordem sufista e na Igreja Unida de Cristo. Seu retiro ofereceu uma mistura perfeita de imagética católica e misticismo não cristão, promovendo uma “espiritualidade integrativa” que une misticismo da criação, trabalho com traumas somáticos e linguagem litúrgica.

Welcome to the
Unitarian Universalist Fellowship
of Manhattan



How Human Bodies Belong to the Earth

Worship Leads: Rev. Shannon Gorres & Rev. Isabel Call
Tech Lead: Mark Mayfield | **Zoom Host:** Kathy Swenson
Coffee Team and Greeter: Lynn Ewanow, Lorn Clement,
and Shirley Hobrock

September 28, 2025
Service begins at 10:45

Shannon Gorres

Ainda mais chocante foi o evento sobre o eneagrama no Centro de Retiro da Sagrada Família dos Passionistas, liderado por um ministro da Igreja da Unidade que oferece mentoria espiritual individual baseada no eneagrama. Descrito como um “antigo mandala da totalidade”, o eneagrama foi ensinado como um caminho para descobrir o “verdadeiro eu”, guiado não pelo Espírito Santo, mas por arquétipos de personalidade de origem ocultista. E tudo isso ocorreu sob um teto católico.

Arquétipos, sonhos e o deus interior

O impulso em direção a um misticismo psicologizado tem raízes na psicologia junguiana. Nos anos 90, a Diocese de Albany realizou programas diocesanos onde os católicos eram ensinados a interpretar sonhos, envolver-se em psicodrama e até a falar com pedras como companheiras espirituais. Uma viúva saiu do programa dizendo que se arrependia de ter passado tantos anos rezando o rosário quando podia ter estado a falar com minerais. Isso não é uma paródia. É o fruto de décadas de substituição da Cruz por Carl Jung.

Figuras como o Pe. Richard Rohr normalizaram essa abordagem. A sua popularização do eneagrama e do conceito de “verdadeiro eu” toma emprestado muito de Jung, enquanto o reveste com linguagem cristã. Para Rohr, Jesus não é apenas o Salvador, Ele é o arquétipo da integração, uma consciência crística presente em toda a humanidade.



Richard Rohr

Guerra espiritual como terapia de trauma

Em alguns casos, até mesmo a guerra espiritual foi psicologizada. O movimento de oração Sozo, importado da Igreja Bethel e praticado em alguns círculos carismáticos católicos, guia as pessoas através de salas interiores imaginadas para curar seus traumas passados. Inclui pedir a Jesus que apareça nas memórias de alguém e usar gestos como bater palmas para quebrar “caminhos neurais” ligados ao pecado. É uma mistura de hipnose de recuperação de memórias, trabalho com a criança interior e oração popular de libertação, comercializada como cura cristã. Alguns ministérios católicos soaram o alarme, notando que essas práticas confundem os limites entre terapia e magia.



Ministério Sozo

Terapia animal e fazenda como santuário

Mesmo em círculos católicos conservadores, a cura psicológica tornou-se o novo sacramento. A Congregação Franciscana da Divina Misericórdia, em Wisconsin, combina terapia assistida por animais com espiritualidade eucarística. As crianças são encorajadas a criar laços com cavalos e cães como uma forma de “curar traumas” e experimentar paz. Seu fundador é formado em técnicas somáticas, cuidados com base em traumas e *life coaching*. Novamente, nada explicitamente herético, mas a fusão da regulação emocional com a formação religiosa sugere uma redefinição silenciosa da graça como terapêutica.

O ocultismo por outros meios

Nada disso é bruxaria explícita. É isso que o torna eficaz. Ao reformular a cura energética como oração somática, os arquétipos como dons espirituais e o trabalho com traumas como discernimento místico, uma nova classe de influenciadores e instituições espirituais católicas está a introduzir conceitos ocultistas sob um véu de compaixão e cura.

Dizem-nos que criticar essas tendências é negar a realidade do trauma ou a legitimidade da psicologia. Mas isso é falso. A tradição católica sempre reconheceu o papel dos meios naturais no florescimento humano. O que ela não pode permitir é a redefinição dos sacramentos, da graça e da revelação divina através das lentes

de modelos terapêuticos que tomam emprestado visões de mundo gnósticas, panteístas ou mágicas.

Na Parte 10, o exame final, retornaremos aos fundamentos teológicos que devem ser recuperados. Porque o reavivamento ocultista não é primariamente um problema cultural. É um problema doutrinário. A batalha final é sobre o dogma.

**PARTE 10: A BATALHA FINAL DA CRISE OCULTISTA:
RECUPERANDO A DOCTRINA CATÓLICA**



Após uma jornada pelas nove partes anteriores, chegamos ao cerne da questão. Esta série traçou uma tendência desconcertante: a disseminação do ocultismo, sincretismo e esoterismo dentro de círculos que, externamente, defendem o “catolicismo tradicional”. Exploramos como uma parte do meio tradicionalista, ferozmente apegada à Missa Tridentina e à estética pré-Vaticano II, tornou-se paradoxalmente encantada com elementos totalmente alheios ao dogma católico.

Editoras como a Angelico Press (que comercializa obras sobre o tarô e a cabala ao lado de Santo Tomás de Aquino), influenciadores católicos e *podcasters* que flertam com ideias da Nova Era, tradutores beneditinos que se envolvem com textos mágicos e a reabilitação de figuras dúbias como Valentin Tomberg ou os promotores da “sofiologia”: tudo isso aponta para um desenraizamento doutrinal, uma crise de verdade sob o verniz da piedade tradicionalista.

Nesta parte final, demonstraremos a base teológica e doutrinal da nossa tese: nomeadamente, que o reavivamento ocultista entre alguns auto-intitulados católicos tradicionalistas é um desafio direto ao ensino imutável da Igreja. Como veremos, nenhuma quantidade de misticismo, psicologia ou reinterpretação poética pode reabilitar práticas como o tarô, a cabala, a magia angélica ou a invocação de forças ocultas, porque a Santa Mãe Igreja as condenou, de forma consistente e inequívoca, como erros graves. A batalha pela alma da tradição católica, portanto, é fundamentalmente sobre fidelidade ao dogma, não sobre latim, rendas ou nostalgia cultural.

Recapitulação de uma aliança profana: tradição e esoterismo

Ao longo desta série, descobrimos uma estranha aliança a formar-se em alguns círculos católicos tradicionalistas; uma reaproximação entre a guarnição tridentina e o conteúdo ocultista.

Uma das figuras mais pivôs nesta série foi Valentin Tomberg, o ex-ocultista e antroposofista que se converteu ao catolicismo, autor de *Meditações sobre o Tarô*. O livro de Tomberg, publicado postumamente em 1980 e elogiado anonimamente por clérigos proeminentes na era pós-Vaticano II, tornou-se um clássico *cult* em alguns círculos católicos.

Foi elogiado por um escritor tradicionalista como “um tour de force de 600 páginas” sintetizando teologia, filosofia... psicologia, ciência e, de fato, assuntos de natureza mais esotérica. Tal elogio ilustra o reembalamento psicológico do espiritualismo em ação: Tomberg vestiu ideias gnósticas e ocultistas em densa linguagem teológica e psicológica, iludindo os leitores a pensar que estavam a explorar um mistério cristão profundo, em vez de um sistema ocultista disfarçado.

Na verdade, como o comentador católico Hamilton Reed Armstrong resumiu duramente, *Meditações sobre o Tarô* “apresenta o gnosticismo, a magia, a cabala e o hermetismo como não apenas compatíveis, mas essenciais para a verdadeira crença católica”. Ao lado das Escrituras e dos santos, Tomberg cita liberalmente ocultistas e feiticeiros: figuras como Papus, Saint-Yves d'Alveydre, Eliphas Lévi, e até o falso messias cabalístico Sabbatai Zevi.

Sua premissa é uma mistura sincretista: todas as religiões e até a Maçonaria partilham uma “energia” mística comum (o que ele chama de egrégora), manifestando-se como luz e trevas, masculino e feminino, bem e mal: uma reciclagem flagrante de heresias dualistas e panteístas.

As distorções de Tomberg da doutrina incluem propor uma Trindade “Pai-Mãe-Filho” e identificar a Virgem Maria como uma figura cósmica de Sophia (a “Virgem da Luz” da tradição gnóstica e a Shekinah dos cabalistas). Em suma, esse manual de tarô “católico” é um compêndio de erros: um ocultismo batizado, que seu autor ousou dedicar à Santíssima Virgem de Chartres, mesmo equiparando-a a figuras de deusas ocultistas.

Apesar de tudo isso, Tomberg tem admiradores em alguns círculos católicos tradicionalistas. Vimos, por exemplo, o caso do autor Roger Buck, um convertido ao catolicismo tradicionalista que abertamente credita os escritos de Tomberg por tê-lo guiado “cada vez mais profundamente” para a Fé. Buck chegou a ter uma passagem de *Meditações sobre o Tarô* lida em seu casamento.

Seu livro *Cor Jesu Sacratissimum*, misturando piedade tradicional com a influência de Tomberg, recebeu elogios calorosos de tradicionalistas bem conhecidos. Tais casos ilustram como as ideias ocultistas-sincréticas podem infiltrar-se na corrente principal dos católicos de mentalidade tradicionalista sob o disfarce de profundidade intelectual ou espiritual.

Um reverenciado mestre ou autor tradicionalista exalta uma obra impregnada com os erros de Tomberg, e leitores incautos presumem que ela deve ser inócua ou mesmo edificante. Esse é o território doutrinário do cavalo de Tróia: contrabandear a “gota venenosa” da heresia para a cidade fortificada da ortodoxia.

Em suma, quer seja uma editora sofisticada a vender catolicismo esotérico, um monge a traduzir grimórios mágicos, um ocultista convertido enaltecido em círculos tradicionalistas, ou místicos das redes sociais a confundir terapia e teurgia, o padrão é consistente.

Tudo isso representa uma infiltração do pensamento ocultista e sincretista no coração de círculos que se imaginam a si mesmos como “o remanescente” da

ortodoxia. O que poderia ter sido descartado como uma loucura marginal há algumas décadas veste agora um manto de respeitabilidade, precisamente porque pegou carona no movimento tradicionalista.

Isso nos leva à questão crucial: o que diz o Magistério da Igreja, em sua doutrina perene, sobre tais coisas? A oposição da Igreja a essas práticas ocultistas e sincréticas é uma mera questão de “disciplina” que pode suavizar com o tempo, ou é uma questão de doutrina imutável? A resposta é inequívoca.

O ensinamento imutável da Igreja: luz nas trevas



Contra o sombrio pano de fundo de confusão que pintamos, o ensino autêntico da Igreja Católica destaca-se como um feixe de luz imutável. Longe de estar em silêncio ou ser ambivalente sobre as práticas ocultistas, o Magistério da Igreja, a Escritura, os Padres, os concílios, os papas e até o direito canônico condenaram de modo consistente e veemente o ocultismo, o sincretismo, a magia, a adivinhação e a superstição em todas as suas formas. Essa não é uma área disciplinar que “evoluiu”; é uma questão de fé e moral, na Igreja fala a uma só voz ao longo dos tempos. Recordemos alguns dos ensinamentos mais relevantes e como eles formam um patrimônio doutrinário contínuo:

Sagrada Escritura

A própria Palavra de Deus não deixa margem para dúvidas. No Antigo Testamento, Deus proíbe os israelitas de qualquer envolvimento com magia ou

adivinhação: “Que entre ti não se ache ninguém que... pratique adivinhação, ou leia a sorte, ou interprete os agouros, ou seja feiticeiro, ou encantador, ou quem pratique o necromante, ou consulte os mortos. Pois quem faz tais coisas é abominação ao Senhor” (Deuteronômio 18,10–12).

O Novo Testamento também alerta que, nos últimos tempos, alguns “apostatarão a fé, dando ouvidos a espíritos enganadores e a doutrinas de demônios” (1 Timóteo 4,1) — uma descrição assustadoramente precisa do que vemos quando os católicos trocam as doutrinas de Cristo pelos “mistérios” do ocultismo.

Os encontros de São Paulo em Atos mostram cristãos convertidos queimando seus livros de feitiçaria e renunciando às artes mágicas (Atos 19,19), e ele pergunta incisivamente: “Que concórdia há entre Cristo e Belial? Ou que consenso há entre o templo de Deus e os ídolos?” (2 Coríntios 6,15–16).

O primeiro mandamento, “Não terás deuses estranhos diante de mim”, sempre foi entendido pela Igreja como uma proibição à superstição e às práticas ocultistas como ofensas à honra devida somente a Deus.

O Catecismo do Concílio de Trento (1566), ao destrinchar esse mandamento, lista explicitamente entre seus transgressores “aqueles que dão crédito a sonhos, adivinhações e ilusões supersticiosas semelhantes”. Esse ensinamento do catecismo do século XVI é simplesmente um eco da doutrina moral católica imemorial: tentar obter conhecimento ou poder oculto invocando forças sobrenaturais (que não o poder de Deus) é um pecado grave, uma forma de idolatria e uma traição à confiança na Providência.

Padres e Doutores da Igreja

Os primeiros Padres condenaram a feitiçaria pagã e as heresias gnósticas nos termos mais fortes, vendo-as como pactos com Satanás. Santo Agostinho, por exemplo, escreveu extensivamente contra astrólogos e magos, notando que seus aparentes sucessos se deviam à intervenção demoníaca permitida como uma prova para os crédulos.

Santo Tomás de Aquino, sintetizando a tradição patrística, classificou firmemente todas as formas de adivinhação e magia sob o vício de *superstitio* (superstição), que ele definiu como “prestar culto divino a quem não deve ser prestado, ou de uma maneira que não deve”.

Na *Suma Teológica*, Aquino explica que todas as formas de adivinhação e observâncias ocultistas dependem essencialmente da agência demoníaca: “Adivinhações e certas observâncias enquadram-se no âmbito da superstição, na medida em que dependem de certas ações dos demônios”.

Para o Doutor Angélico, não há área cinzenta: qualquer tentativa de obter conhecimento preternatural (por exemplo, ler a sorte via tarô, cristalomancia ou conjurar espíritos) ou de exercer poder preternatural (lançar feitiços, criar talismãs, etc.) implica *ipso facto* o demoníaco, seja por pacto explícito ou por convite implícito.

Este princípio — de que o “conhecimento” de um oráculo ou ritual ocultista vem ou de fraude ou do diabo — tornou-se uma pedra angular do ensino moral católico. Ele sublinha por que todas essas práticas não são curiosidades inofensivas, mas espiritualmente mortais.

Como Jesus disse, “Quem não é por mim é contra mim” (Lucas 11,23); ou se busca a verdade e o poder em Deus, ou nos inimigos de Deus. O Catecismo Romano advertiu claramente os fiéis sobre essa escolha, e o Catecismo do Papa São Pio X reiterou o ponto para os tempos modernos em linguagem simples (ensinando que o espiritismo, a adivinhação e coisas semelhantes são pecados mortais contra a religião).

Magistério papal e direito canônico (pré-Vaticano II)

Os sucessores de Pedro reprovaram continuamente os movimentos ocultistas e sincretistas. O Código de Direito Canônico de 1917 — a própria estrutura jurídica da Igreja pré-conciliar — codificou essa posição perene. O cânone 1399 (1917) proibia explicitamente a publicação ou leitura de quaisquer livros “que tratem de superstição, adivinhação, magia, espiritismo ou outras artes ocultistas”. No mesmo cânone, livros que tentassem reconciliar o cristianismo com o espiritismo ou que defendessem o indiferentismo religioso eram igualmente banidos.

O Index dos Livros Proibidos, em vigor até 1966, indexava rotineiramente obras ocultistas (desde os escritos de Eliphas Lévi e Madame Blavatsky até “evangelhos” espúrios e textos maçônicos) para proteger os fiéis de seu veneno. Além disso, o código impunha penas canônicas para aqueles que se envolvessem nessas artes obscuras: por exemplo, o cânone 2326 ameaçava com excomunhão os católicos que se tornassem espíritas ou que participassem de “sessões espíritas”, reflexo de um decreto anterior do Santo Ofício.

Com efeito, o Santo Ofício, sob o Papa Bento XV, em 1917 emitiu um decreto (27 de abril de 1917) condenando as sessões espíritas de qualquer forma: “É ilícito assistir, de qualquer maneira, a comunicações ou manifestações espíritas, mesmo que pareçam piedosas, seja fazendo perguntas a almas ou espíritos, seja ouvindo as respostas, ou meramente observando, mesmo com um protesto tácito ou expresso de que não se quer ter nada a ver com espíritos malignos”.

Essa proibição total não deixa margem para a desculpa moderna: “Eu assisto à sessão mas não acredito, é só por curiosidade”; tal compartimentalização é autoengano, e a Igreja sabia disso.

Da mesma forma, em 1919, o Santo Ofício, sob o Papa Bento XV, condenou o movimento moderno da teosofia, declarando “as doutrinas teosóficas (...) incompatíveis com a doutrina católica”, e proibindo os católicos de se filiar a sociedades teosóficas, participar de suas reuniões ou ler suas publicações.

O Papa Leão XIII, na sua encíclica *Humanum genus*, de 1884, condenou duramente as sociedades secretas ocultistas (especialmente a Maçonaria) pela sua “filosofia naturalista [e] indiferentismo em matéria religiosa”, e por reviverem os erros dos gnósticos e iluministas sob uma roupagem moderna.

Ele e outros papas (Pio VIII, Gregório XVI, Pio IX, etc.) emitiram repetidas condenações a qualquer envolvimento católico na Maçonaria, no espiritismo ou em seitas afins, impondo penas severas precisamente porque esses movimentos propagam um veneno doutrinário contrário à fé.

Anteriormente, a Igreja interveio contra o ocultismo renascentista: por exemplo, a bula do Papa Inocêncio VIII *Summis desiderantes* (1484) abordou as práticas mágicas e necromânticas desenfreadas da época (muitas vezes ligadas à bruxaria) e autorizou o clero a extirpá-las para a salvação das almas.

A argumentação consistente da Igreja

Por que essa oposição inabalável? Porque o ocultismo, sob qualquer forma, mina a verdade revelada e a pureza da alma. Ele substitui a fé humilde em Deus por uma ânsia por conhecimento secreto; suplanta a oração por encantamentos, e os sacramentais por talismãs; e confunde os fiéis, levando-os quer para a superstição quer para uma mentalidade de relativismo religioso (a ideia de que “todos os caminhos espirituais, em última análise, dizem a mesma coisa” — uma noção que a Igreja condena veementemente).

O Papa Pio XI, na sua encíclica *Mortalium animos*, de 1928, advertiu contra qualquer tipo de reunião sincretista com religiões não católicas, ensinando, com a famosa frase, que não se pode tratar todas as religiões como mais ou menos boas e verdadeiras sem comprometer fatalmente a única e verdadeira Fé: “Certamente tais esforços [de alinhar o cristianismo com outras religiões] não podem de modo algum ser aprovados pelos católicos, fundados como estão naquela falsa opinião que considera todas as religiões como mais ou menos boas e louváveis. (...) Aqueles que sustentam essa opinião rejeitaram a religião divinamente revelada (...) e minam os fundamentos da fé católica”.

Em outras palavras, a verdade religiosa não é um *buffet* de misturas, ela provém da revelação divina confiada somente à Igreja Católica. Misturar essa verdade com elementos da cabala, do hermetismo ou do misticismo oriental é corromper a pureza da fé.

A encíclica *Mortalium animos* era dirigida aos primeiros ecumenistas, mas seu princípio aplica-se também ao nosso tópico: uma espiritualidade “híbrida” que se apropria das tradições ocultistas e da tradição católica é uma mentira, “um veneno mortífero” como Pio XI chama de relativismo religioso.

Décadas mais tarde, o Vaticano II adotaria um tom mais brando ao falar dos elementos de verdade de outras religiões, mas nada no ensino católico autêntico revogou jamais a verdade fundamental de que a revelação de Cristo é única, completa e incompatível com sistemas contraditórios.

O magistério pós-conciliar (mesmo que muitas vezes com tom menos contundente) continuou a classificar as práticas ocultistas como gravemente pecaminosas. O Catecismo da Igreja Católica de 1992 reafirma: “São de reprová-las todas as formas de adivinhação: o recurso a Satanás ou aos demônios, a evocação dos mortos ou outras práticas que se supõem, injustamente, ‘desvendar’ o futuro. (...) A consulta de horóscopos, a astrologia, a quiromancia, a interpretação de presságios e sortes, os fenômenos de clarividência e o recurso a médiuns escondem um desejo de poder sobre o tempo, a história e os homens e, ao mesmo tempo, uma vontade de conciliar poderes ocultos. Estão em contradição com a honra e o respeito, unidos ao temor amoroso, que devemos somente a Deus” (CIC §2116).

Esse ensino, embora proveniente do catecismo pós-Vaticano II, está em perfeita continuidade com as condenações anteriores, mostrando que a doutrina nunca mudou.

Dada essa cadeia ininterrupta de doutrinas, uma coisa é evidente: o atual flerte com idéias ocultistas e sincretistas em círculos católicos tradicionalistas não tem qualquer fundamento teológico ou moral. A Igreja já respondeu à questão implícita: “Não podemos colher algum bem ou algum *insight* místico superior destas artes proibidas, se as vestirmos com linguagem cristã?”. A resposta é um retumbante “Não”.

As cartas do tarô não podem tornar-se um sacramental só porque alguém desenha uma cruz nelas; a cosmologia cabalística não pode ser batizada trocando “Sophia” pelo Espírito Santo; tentar invocar anjos (ou “envolver-se” com eles em meditação) fora das orações prescritas da Igreja permanece um convite ao engano; e a magia hermética, não importa quantas frases em latim ou jargão pseudo-tomista se use para embrulhá-la, permanece uma barganha com as trevas.

Essas não são as opiniões do autor, são o juízo coletivo da Escritura e do Magistério. O Primeiro Concílio do Vaticano ensinou que o significado dos dogmas sagrados deve ser para sempre preservado como foi uma vez declarado, e nunca diluído sob o pretexto de uma “compreensão mais profunda” (*Dei Filius*, Cap. 4).

A condenação da Igreja à superstição ocultista é parte desse depósito imutável. Nenhum “*insight* mais profundo” surgirá que, subitamente, torne aceitável comungar com espíritos ou adivinhar com cartas. É uma verdade fixa que tais práticas são “gravemente contrárias à virtude da religião” (CIC §2117), e qualquer teoria que diga o contrário, seja ela vestida de poesia mística ou psicologia junguiana, é simplesmente falsa.

Clareza pré-Vaticano II vs. confusão pós-conciliar



Muitos leitores terão notado uma triste ironia: Como é que esses erros estão a ressurgir precisamente entre aqueles que afirmam defender a “Tradição”? Parte da resposta reside no tumulto eclesial das últimas seis décadas.

Após o Vaticano II, a hierarquia da Igreja tornou-se notavelmente menos agressiva em advertir contra erros específicos. Os cânones detalhados do Código de Direito Canônico de 1917 sobre livros e sociedades proibidos não foram explicitamente transportados para o Código de 1983.

Com efeito, o cânone 1399 e todo o Index dos Livros Proibidos foram abolidos em 1966, com a nova abordagem a favorecer a responsabilidade pessoal e as normas

generalizadas em vez de censuras *pro forma*. Essa mudança, combinada com um *ethos* pós-conciliar de “abertura” ao mundo, introduziu uma medida de ambiguidade onde antes havia precisão. Embora a doutrina central não tenha mudado, o zelo em aplicá-la relaxou. Isso criou uma espécie de vácuo de autoridade e clareza; um vácuo que o diabo não tardou a explorar.

Dentro da Igreja *mainstream*, testemunhamos flertes perturbadoras com o sincretismo que teriam sido impensáveis nos velhos tempos. Desde os encontros de oração de Assis, que colocaram clérigos católicos ao lado de feiticeiros e lamas budistas, até às cerimônias do ídolo Pachamama nos Jardins do Vaticano em 2019, a era pós-conciliar viu mensagens contraditórias sobre a singularidade do culto católico.

Os próprios gestos de ambiguidade de Roma (mesmo que explicados como “encontro de culturas”) dessensibilizaram muitos para a proibição absoluta de misturar o sagrado e o profano. Missionários que outrora rejeitaram firmemente as práticas pagãs por vezes falam agora de “inculturação”, e em alguns casos cruzam a linha para indulgenciar a superstição sob um novo nome.

Por exemplo, enquanto o Papa Pio XII instruiu firmemente os missionários a erradicar a bruxaria e as superstições tribais em África, alguns eclesiásticos contemporâneos falam em integrar “práticas tradicionais de cura” que, com muita frequência, incluem elementos ocultistas.

Até mesmo exorcistas notaram que a confusão na doutrina desde o Concílio levou a mais infestações demoníacas; o Padre Gabriele Amorth lamentou quão raro se tornou a pregação contra o ocultismo, mesmo vendo mais penitentes presos por maldições ou envolvimento com a Nova Era.

Ora, seria de se esperar que os católicos tradicionalistas, aqueles que reagiram conscientemente contra a confusão pós-Vaticano II, fossem menos suscetíveis a esses erros, tendo uma fortaleza de clareza pré-conciliar a que se referir. E, de fato, muitos são: frequentemente, são os católicos tradicionalistas que ainda denunciam coisas como aulas de ioga em paróquias ou novidades da Nova Era.

No entanto, como detalhamos, até mesmo alguns no seio tradicionalista deixaram a serpente entrar. Como é que isso aconteceu? Pode ser que, na ânsia de restaurar o que foi perdido (a beleza, o simbolismo, o misticismo da Fé), alguns tenham exagerado na correção. Rejeitando o racionalismo modernista estéril que percebiam na Igreja pós-conciliar, eles se voltaram para o extremo oposto: um fascínio acrítico pelo misticismo, pelo sobrenatural, pelos aspetos “misteriosos” e “esquecidos” da religião.

Esse desejo é bom em si mesmo; o catolicismo é de fato profundamente místico, mas a falta de orientação sólida e a persistência de atitudes de “vale tudo” na Igreja circundante criaram uma armadilha. Em seu louvável zelo pela transcendência, alguns tradicionalistas baixaram a guarda para lobos em pele de cordeiro: livros e professores que falam sobre “mistério” e “tradição” mas contrabandeiam veneno gnóstico.

Quando a autoridade legítima falha em soar o alarme (ou pior, quando prelados proeminentes eles próprios escrevem cartas para místicos duvidosos), os fiéis podem ser deixados para “descobrir por si mesmos”. Nem todos descobrem corretamente. Por isso, vemos católicos ortodoxos tolerando ou mesmo abraçando idéias que, se apresentadas nuas (por exemplo, por um conhecido adepto da Nova Era ou por um ocultista protestante), eles rejeitariam instantaneamente. É o pacote de estética tradicional com conteúdo não tradicional que engana.

Outro fator é o relativismo doutrinário a infiltrar-se até mesmo nos círculos tradicionalistas, por meio de um desdém pela autoridade. Muitos católicos “trads”, por razões compreensíveis, nutrem uma profunda desconfiança em relação à hierarquia pós-Vaticano II. Alguns concluíram que, se Roma diz que algo é ruim, pode na realidade ser bom, ou pelo menos que nós, leigos, decidiremos por nós mesmos.

Isso pode transformar-se numa mentalidade quase protestante: escolher e selecionar quais os ensinamentos magisteriais a aceitar. Por exemplo, um católico tradicionalista pode rejeitar corretamente o ecumenismo liberal das últimas décadas, mas aplicar erroneamente o mesmo ceticismo às condenações passadas da Igreja sobre o ocultismo, talvez raciocinando que “essas foram apenas reações exageradas de uma época menos esclarecida; nós, tradicionalistas modernos, podemos lidar com a leitura de *Meditações sobre o Tarô* com discernimento”.

Esse é um erro tóxico. Esquece-se que a autoridade da Igreja pré-conciliar é o próprio padrão dos tradicionalistas. Não se pode rejeitar seus juízos quando eles incomodam sua mais recente fascinação intelectual. Fazê-lo é cair num *catolicismo de cafeteria*, ainda que de sabor tradicional.

Finalmente, o truque mais antigo do diabo — “Será que Deus realmente disse...?” (Gn 3,1) — não é ineficaz entre aqueles que se orgulham de ser devotos. Podemos ser tentados a pensar que temos um discernimento especial ou imunidade: “Claro, a Igreja proíbe a maioria das pessoas de envolver-se nessas coisas, mas eu estou lendo isso como uma atividade acadêmica”; ou “Eu só uso o tarô para contemplar símbolos da fé, então é diferente”.

Racionalizamos, arranjamos desculpas e, assim, deixamos que o que é objetivamente pecaminoso ou espiritualmente perigoso pareça subjetivamente justificável. Mas, como o Senhor advertiu, “Vigiai e orai, para que não entreis em tentação. O espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca” (Mt 26,41).

Em nossa era de linhas desfocadas, mesmo os católicos bem-intencionados devem estar em guarda para que sua “riqueza espiritual” não se torne um cobertor para encobrir as linhas brilhantes da doutrina. Se Satanás já não consegue levar uma pessoa a deixar de acreditar na Eucaristia ou nos dogmas marianos (áreas onde os tradicionalistas são sólidos), ele terá todo o prazer em atraí-los com um falso misticismo que corrói sutilmente outras partes da Fé; introduzindo idéias de reencarnação, ou visões panteístas de Deus, ou desprezo pela Igreja “institucional” em favor de revelações pessoais. Tragicamente, vimos tudo isso emergir em um canto ou outro do mundo tradicionalista influenciado pelo reavivamento do ocultismo.

Em suma, o contraste entre o passado e o presente é gritante. Antes do Vaticano II, os guardiões da Igreja tinham os olhos bem abertos contra o ocultismo; após o Concílio, muitos olhos se fecharam ou desviaram o olhar, permitindo que as águas do dilúvio se infiltrassem. Alguns que correm para a arca da Tradição inadvertidamente carregaram essas águas do dilúvio consigo em sua bagagem. A solução não é abandonar a Tradição; pelo contrário, é reapropriar-se de tudo, especialmente de sua clareza doutrinária.

Fidelidade ao dogma: a alma da Tradição



Por fim, chegamos ao argumento central desta série e deste artigo: a batalha pela alma da tradição católica é, em última análise, sobre fidelidade ao dogma, e não sobre gostos estéticos ou conservadorismo cultural. Vestes tradicionais, canto gregoriano, liturgia em latim, devoções reverentes... essas coisas são belas e importantes, mas são meios para um fim: a glória de Deus e a salvação das almas na verdadeira Fé.

A substância da Fé encontra-se no dogma e na doutrina — as verdades que Deus revelou e que a Igreja ensina infalivelmente. Se isso for comprometido, nenhuma

quantidade de latim ou renda poderá nos salvar. Por outro lado, mesmo no deserto pós-conciliar, qualquer católico que se agarre à Fé integral (mesmo que desprovido das externalidades tradicionais) está unido à Tradição da Igreja do modo mais importante.

[Nota d'O Recolhedor: É irônico que um pretenso defensor da ortodoxia feito Jackson admita tão flagrante contradição: a possibilidade de uma vida religiosa em fidelidade à Tradição onde ela simplesmente fôra abolida.]

Isso precisa ser explicado, porque é fácil para todos nós confundir os sintomas da decadência católica moderna com a causa. Muitos tradicionalistas diagnosticaram corretamente que a perda de beleza, da reverência e da disciplina após o Vaticano II acompanhou (e talvez tenha fomentado) uma perda de fé.

Ao restaurar as primeiras, no entanto, alguns guardaram insuficientemente a última. O perigo é que a Tradição se torne uma marca, uma subcultura ou uma estética, em vez de uma adesão total à verdade “ensinada por nosso Senhor e transmitida pelos homens apostólicos”.

Um cálice dourado cheio de veneno matará tão certamente quanto uma lata enferrujada cheia de veneno. Portanto, se nos concentrarmos apenas no dourado (as formas tradicionais) mas negligenciarmos a pureza do conteúdo (a doutrina tradicional), corremos o risco de nos tornarmos o que Nosso Senhor chamou de “sepulcros caiados”: exteriormente belos, interiormente cheios de morte (Mt 23,27).

Nenhuma pequena “revelação privada” ou teoria mística atraente poderá alguma vez superar o dogma definido ou o *sensus fidei* da Igreja. Mesmo que um anjo vindo do céu vos anuncie um evangelho diferente do que vos temos anunciado, seja anátema! (cf. Gálatas 1,8).

Quanto mais, então, se um Valentin Tomberg, ou um autointitulado teólogo de Sophia, ou qualquer *youtuber* carismático oferecer um “novo insight” em desacordo com o Catecismo e 2.000 anos de consistência magisterial — devemos rejeitá-lo completamente. Esse é o teste final de qualquer movimento que pretenda ser católico: ele sustenta ou mina as verdades imutáveis da Fé?

Por esse padrão, o reavivamento ocultista que examinamos falha espetacularmente. Ele mina o primeiro mandamento: desfoca a distinção Criador-criação; revive dualismos gnósticos e impulsos panteístas condenados desde os primeiros concílios; leva as almas a práticas supersticiosas que a Igreja identifica como pecados graves. Numa palavra, é anti-tradicional, não importa o quanto seus proponentes se envolvam nas armadilhas da tradição.

Recordemos mais uma vez a severa advertência do Papa Leão XIII: “Nada pode haver mais perigoso do que aqueles hereges que admitem quase todo o ciclo da doutrina, e ainda assim, com uma palavra, como que com uma gota de veneno, contaminam a fé real e simples”.

Muitos envolvidos nessa tendência ocultista aceitam 90% do ensino católico: eles lutam pela Missa em latim, defendem a realeza de Cristo, exaltam Nossa Senhora, etc. Mas depois deixam cair aquela palavra envenenada: seja “tarô”, “hermetismo”, “Sophia-não-criada”, “iniciação universal”, ou alguma outra noção enganosa. E isso é suficiente para contaminar a fé, tornando nula toda a profissão de catolicismo. Não devemos nos deixar enganar. O mundo católico tradicionalista deve ser purificado desse fermento antes que ele leve toda a massa.

O que deve ser feito então? Em primeiro lugar, um retorno aos fundamentos. Devemos reeducar a nós mesmos e aos nossos companheiros católicos sobre os reais ensinamentos da Igreja a respeito dessas matérias. Os documentos e decretos que citamos (e há muitos outros) não devem acumular poeira; devem ser promulgados novamente dos púlpitos e nos catecismos.

Os pastores que servem congregações tradicionais em particular precisam estar vigilantes: preguem contra os erros do ocultismo com o mesmo zelo que São Paulo mostrou em Éfeso; avisem vosso rebanho que envolver-se nessas tendências “místicas” da moda é espiritualmente suicida.

Os pais devem vigiar cuidadosamente que autores e ideias estão a influenciar seus filhos; sim, até mesmo influências que venham sob um rótulo “católico”. Se o seu adolescente que ama a Missa em latim também está a interessar-se por Rudolf Steiner ou sincromisticismo junguiano por meio de alguma personalidade virtual, não descarte isso como uma exploração intelectual inofensiva. Pode ser o diabo a pescar uma alma que não conseguiu apanhar com uma isca grosseira, então escolheu uma isca refinada.

Em segundo lugar, uma exortação aos que caíram na armadilha: se algum leitor reconhecer nestas páginas algo em que ele próprio caiu, talvez possua as *Meditações sobre o Tarô* e as achou intrigantes, ou participou de um grupo de estudo de “cabala católica”, ou tem orado de maneiras pouco ortodoxas aprendidas com algum “místico” na internet, não se desespere, mas corrija o rumo imediatamente.

A Igreja, em seu amor, providencia o antídoto: os sacramentos (especialmente a confissão e a Eucaristia), os sacramentais (a água benta expulsou mais do que alguns demônios convidados por tabuleiros ouija!), a direção espiritual sólida e o estudo sólido do autêntico misticismo católico.

Pois que fique claro: o catolicismo tem uma imensa tradição mística própria: os escritos dos santos e doutores, a própria liturgia, os milagres e as aparições marianas aprovadas pela Igreja, suficientes para ocupar mil vidas em maravilhamento.

Não precisamos ir bater à porta de Lúcifer em busca de conhecimento “secreto”; possuímos a pérola de grande valor no depósito da fé. Como Tertuliano certa vez perguntou com desprezo: “Que tem, de fato, Atenas a ver com Jerusalém?”. Da mesma forma perguntamos: O que cartas de tarô, sessões de espiritismo, sigilos alquímicos ou “éons” neoplatônicos têm a ver com a Santa Missa, o Rosário, os Sacramentos e a Cruz de Cristo? Nada — absolutamente nada — exceto seduzir e distrair da única coisa necessária.

Por fim, um forte aviso e um apelo. Para aqueles em posições de influência dentro das mídias ou editoras católicas tradicionalistas: parem de ficar em cima do muro. Não se pode servir a dois senhores; não se pode fazer vista grossa ao sincretismo ocultista enquanto se afirma defender a Tradição Católica.

Se uma editora quer marcar-se como católica, deve exercer o discernimento e a autodisciplina que ser católico exige, o que significa renunciar aos lucros rápidos ou ao prestígio ousado que advêm da impressão de cada título esotérico que excita uma mente curiosa.

Se um *podcaster* ou escritor promoveu conscientemente tais idéias no passado, não é tarde demais para se retratar, para advertir, para se distanciar claramente. As almas estão em jogo. O compromisso com o dogma deve triunfar sobre o fascínio da novidade.

O catolicismo tradicionalista só será uma força para a verdadeira restauração na Igreja se se mantiver impoluto na doutrina. O conservadorismo cultural por si só (nostalgia pela cristandade, hábitos de vestimenta, etc.) é uma concha vazia se o coração da Fé estiver comprometido. O próprio movimento tradicionalista enfrentará o julgamento: será que ele defendeu a Fé íntegra e integralmente, ou será que abrigou novos desvios sob seu manto?

Conclusão

Recordemos as palavras de São Paulo: “Combate o bom combate da fé, conquista a vida eterna, para a qual foste chamado” (1 Tim 6,12). O combate da fé nos nossos dias implica lutar dentro da Igreja pela pureza dessa fé.

O reavivamento do ocultismo no catolicismo tradicionalista é uma escaramuça na guerra maior pela integridade da Tradição Católica. Devemos combatê-lo com a espada da verdade. Não há “enriquecimento” a ser encontrado nas trevas do

oculto, apenas perigo. Nosso enriquecimento está em Cristo Jesus, no qual estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento (Col 2,3), não nos trunfos do tarô ou nos mitos crípticos da “Sophia”.

“Que ninguém vos iluda com raciocínios falazes”, diz São Paulo (Col 2,4), e ele acrescenta: “Tende cuidado para que ninguém vos escravize por meio de vãs e enganadoras especulações filosóficas, segundo a tradição dos homens, segundo os elementos do mundo, e não segundo Cristo” (Col 2,8). Os elementos do mundo estão novamente à espreita, julgando ter encontrado uma brecha nas muralhas da Tradição. Pela graça de Deus e com um ensino claro, fechemos essa brecha.

Em última análise, a fidelidade, plena e sem compromissos, aos dogmas da Santa Mãe Igreja é o único exorcismo para essa confusão ocultista. Começamos esta série observando um “reavivamento ocultista”; terminamos afirmando o reavivamento católico que é necessário em resposta: um reavivamento da obediência ao Magistério, do amor à pureza da Fé e da confiança na única e verdadeira Luz do mundo.

Qualquer suposto reavivamento que se afaste dessa Luz não é mais do que um reavivamento das mentiras da velha serpente. Não queiramos nada disso. Em vez disso, apegando-nos à Tradição na sua plenitude, digamos com o salmista: “A lei do Senhor é pura e ilumina os olhos... por ela o teu servo é advertido; em guardá-la há grande recompensa” (Sl 19,8.11).

Nenhum jogo de tarô jamais prometeu isso; nenhuma misteriosa “Sophia” jamais morreu por nós. Mas Cristo morreu, e Ele confiou Sua verdade à Sua Igreja, “para que não sejamos mais meninos, levados ao sabor de todo o vento de doutrina” (Ef 4,14). Que nos mantenhamos firmes nessa verdade, rejeitando todas as falsificações, até que o dia amanheça e a Estrela da Manhã surja em nossos corações. Nessa fidelidade reside o futuro da tradição católica e a salvação das almas.

*

Nota: Agradeço a Alistair McFadden ([@JustACatholic1](#) no X) e seu trabalho “Observations on the Influence of the Occult in Traditional Catholic Discourse” (disponível em [Medium](#)) por inspirar esta série.